

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO:

AS COSMOVISÕES PESSIMISTAS DE
SCHOPENHAUER E AUGUSTO DOS ANJOS

Henrique Duarte Neto

Florianópolis, Abril de 2000.

As Cosm visões Pessimista de Schopenhauer e Augusto dos Anjos

HENRIQUE DUARTE NETO

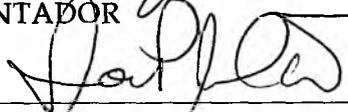
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.

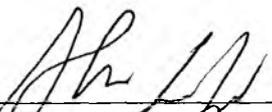


Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos
ORIENTADOR

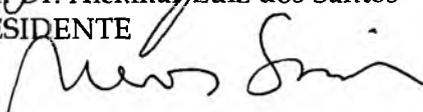


Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

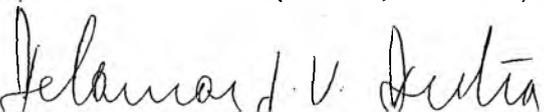
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos
PRESIDENTE



Prof. Dr. Marcos Siscar (UNESP/Rio Preto)



Prof. Dr. Delamar José Volpato Dutra (UFSC)

Prof. Dr. Sérgio L. Rodrigues Medeiros (UFSC)
SUPLENTE

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo auxílio financeiro; ao Prof. Alckmar Luiz dos Santos, pela instigante orientação; aos membros da banca, pela paciência de lerem este trabalho; aos meus pais, Marta e Ary, pelo carinho e apoio; à Dudi, pela amizade e amor.

NOME: Henrique Duarte Neto.

GRAU: Mestre.

CURSO: Pós-Graduação em Literatura.

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Santa Catarina.

TÍTULO: *As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos.*

RESUMO: O objetivo da dissertação é o de comparar as obras do filósofo alemão Arthur Schopenhauer e do poeta brasileiro Augusto dos Anjos, explorando os assuntos relativos ao pessimismo existente nelas. Eu mostro que os seguintes tópicos estão presentes na produção de ambos os autores: Schopenhauer e Augusto dos Anjos defendem que a dor é um importante constituinte do mundo, sendo perene; que a vida oscila, tal qual um pêndulo, entre o tédio e o sofrimento; que a natureza humana é malévola; que é pelo amor, pelo sexo e perpetuação da espécie que se prolonga o sofrimento humano no mundo; que a salvação e bem-aventurança só é possível através do ascetismo, do encontro com o *nada*.

Eu também comparo Schopenhauer e Augusto dos Anjos através da mediação da estética expressionista, procurando sublinhar os aspectos em que o mundo é apresentado como estando em constante crise e sendo dominado pelo caos.

ABSTRACT: The aim of this dissertation is to compare the works of the German philosopher Arthur Schopenhauer and of the Brazilian poet Augusto dos Anjos, exploring the subjects related to pessimism. I show that the following topics are present in the work of both authors: Schopenhauer and Augusto dos Anjos claim that pain is an important constituent of the world and that life oscillates as a pendulum between boredom and misery. Moreover, they believe that human nature is evil, that human sufferings are prolonged through love, sex and the perpetuation of species and that salvation is made possible only by asceticism and the facing of nothingness.

I also compare Schopenhauer and Augusto dos Anjos through the expressionist aesthetics, trying to highlight the aspects in which the world is presented as being in constant crisis and being dominated by the chaos.

SUMÁRIO

Introdução.....	pp. 1-8.
Capítulo I: O Pessimismo em Schopenhauer ou o Pior dos Mundos Possíveis.....	pp. 9-38.
Capítulo II: O Pessimismo em Augusto dos Anjos ou o Mundo em Decomposição.....	pp. 39-87.
Capítulo III (Conclusão): As Cosmologias Pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos.....	pp. 88-114.
Bibliografia.....	pp. 115-121.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é o de apresentar e analisar as visões pessimistas presentes nos textos de Arthur Schopenhauer e Augusto dos Anjos acerca da realidade e da vida. O que aqui se vai querer demonstrar são os possíveis parentescos entre essas cosmovisões pessimistas, através de temas presentes nas obras desses dois autores e que possuem maior convergência. De antemão, pode-se dizer que a exploração de uma temática comum em autores de diferentes áreas configura-se como sendo um desafio interessante, que exige, todavia, que não se perca de vista a autonomia que essas áreas, no nosso caso a filosofia e a poesia, possuem.

A obra de Augusto dos Anjos (poeta *sui-generis*, difícil de classificar ou de enquadrar, de forma absoluta, em alguma escola ou movimento) já mereceu por parte da crítica uma comparação com um vasto contingente de escritores. Dentre esses, podem-se citar autores tão diferentes como Baudelaire, Cruz e Sousa, Cesário Verde, João Cabral de Melo Neto, Poe, Gottfried Benn, Nietzsche, etc., sem contar as influências de cientistas-filósofos como Spencer, Darwin e Haeckel, bem como aproximações já feitas com pintores como Bosch e Odilon Redon. E, como já foi dito, pela impossibilidade de ser classificada de forma absoluta, a poesia de Augusto dos Anjos já foi aproximada de uma grande variedade de movimentos

artísticos e filosóficos: Simbolismo, Expressionismo, *Art Nouveau*, Naturalismo, Materialismo, etc. Essas características impossibilitam-nos vê-la sob um único aspecto, ou de maneira unívoca. Assim, como ocorre com as obras dos grandes autores, possuindo várias facetas, ela caracteriza-se pela heterogeneidade.

Em se tratando das aproximações entre a poesia de Augusto dos Anjos para com a filosofia de Arthur Schopenhauer, parece haver um manancial fecundo de temas que aproximam os dois autores. Já em 1920, o prefaciador e amigo de Augusto dos Anjos, Órris Soares¹, após citar-lhe o soneto *A um gérmen*, tece esse comentário em que aproxima a temática do poeta com a de Schopenhauer: “Certo, no pessimismo está a verdade verdadeira, a verdade inclemente. Mas só um espírito criado no leito do budismo e alimentado pelo schopenhauerismo, seria capaz de soltar grito tão desesperativo.”²

Posteriormente, Anatol Rosenfeld³ assinalou a importância de Schopenhauer no ideário da poesia augustiana, falando-nos assim:

Ao fim exalta, com Buda e Schopenhauer, o Nada, único recurso para escapar “do supremo infortúnio de ser alma” e para não ser martirizado pelo morcego da consciência (a influência de Schopenhauer sobre Augusto dos Anjos afigura-se muito mais profunda do que a de Haeckel e Spencer; alguns de seus maiores poemas, como “Na forja” (sic) e “A floresta”, parecem inimagináveis sem a assimilação do pensamento do filósofo alemão).⁴

¹ De *Eu (Poesias Completas)*. Imprensa Oficial da Paraíba, 1920.

² Órris Soares, *Elogio de Augusto dos Anjos*, p. 67.

³ Extraído de *Texto/Contexto*. Anatol Rosenfeld. Editora Perspectiva, São Paulo, 1969, pp. 259-266.

⁴ Anatol Rosenfeld, *A costela de prata de A. dos Anjos*, p. 188.

Ainda, o crítico José Paulo Paes⁵ salienta que filósofos “irracionalistas” como Nietzsche e Schopenhauer foram importantes na formação do Decadentismo e do Simbolismo da virada do século e que deixaram marcas em Augusto dos Anjos. Já Alfredo Bosi⁶, fazendo referência ao texto de Anatol Rosenfeld, concorda com este em relação à influência de Schopenhauer na poética de Augusto dos Anjos, na sua cosmovisão pessimista. Por sua vez, Ferreira Gullar, diz-nos que a visão de mundo contida na poesia augustiana parte do materialismo e do evolucionismo das doutrinas de Comte, Haeckel, Darwin e Spencer, bem como do “niilismo” schopenhaueriano, embora, o crítico ressalte que essa visão de mundo “não se esgota nas idéias filosóficas de que parte...”⁷ Finalmente, Luciana Stegagno Picchio, convergindo com Ferreira Gullar, diz-nos que a obra do poeta paraibano conjuga “o pessimismo cósmico de Schopenhauer ao materialismo contestatório...”⁸

Para o poeta do *Eu*, o mundo é o palco de constantes transformações, de um constante devir, portanto, da vida efêmera, passageira. O mundo para ele está reduzido a uma “mecânica nefasta”. Nesse excerto de *Monólogo de uma sombra*, ele apresenta-nos tal concepção através do olhar do “Filósofo Moderno”:

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,

⁵ José Paulo Paes, *Uma microscopia do monstruoso*, p. 77.

⁶ Alfredo Bosi, *Augusto dos Anjos*, p. 45.

⁷ Ferreira Gullar, *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, p. 19.

⁸ Luciana Stegagno Picchio, *O antídoto: a poesia científica e a poesia do “sertão”*, p. 363.

Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...
E apenas encontrou na idéia gasta
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as cousas se reduzem!⁹

Para o poeta, o sábio que reflete sobre o mundo – e que traz com sua reflexão “O desespero endêmico do inferno” – há de encontrar nele apenas “fogos passageiros”, pois toda a matéria possui um brilho ilusório, precário e efêmero.

Ainda no mesmo poema, podemos encontrar exemplos de temas caros ao ideário da poesia augustiana, tais como o da decomposição e o da precariedade da existência, bem como a presença do verme como imagem poética, símbolo do expirar da vida:

E o que ele foi: clavículas, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem,
– Engrenagem de vísceras vulgares –
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares!

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glutoneria hedionda, brincam,

⁹ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 196.

Como as cadelas que as dentuças trincam
No espasmo fisiológico da fome.¹⁰

Ver-se-á adiante, também, toda a riqueza e originalidade do léxico augustiano. Como procurarei mostrar, a mescla (geralmente marcada pela morbidez e pelo grotesco) do prosaico com o científico gera dissonâncias na poesia do paraibano, além de apontar o feio como valor estético dominante. Como exemplo, no excerto acima citado, além da linguagem extremamente biológica, há a presença de termos coloquiais como “peçonha”, “medonha” e, principalmente, no genial verso “Como as cadelas que as dentuças trincam”. Sinônimo de “mau gosto” para os mais ortodoxos, essa confluência entre o científico e o prosaico é um aspecto fundamental da linguagem poética de Augusto dos Anjos. Através dessa confluência, ele cria imagens tensas, angustiantes, como também grotescas e de intenso humor negro, como neste último excerto de *Monólogo de uma sombra*, a pouco citado.

A consciência de que o mundo é o palco de constantes tragédias, bem como de malogros, de derrocadas, enfim, de toda a espécie de infortúnio e dor, suscita freqüentemente no bojo da obra augustiana terrificantes visões de horror. Em As cismas do destino o poeta nos apresenta essa visão de horror:

É bem possível que eu um dia cegue.

¹⁰ Ibid., p. 197.

No ardor desta letal tórrida zona,
A cor do sangue é a cor que me impressiona
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.
Não sei por que me vêm sempre à lembrança
O estômago esfaqueado de uma criança
E um pedaço de víscera escarlate.¹¹

O sofrimento, tal como se verá também no caso da filosofia schopenhaueriana, para Augusto dos Anjos é regra e não exceção. Portanto, a dor (ao lado da derrocada de toda a matéria¹²) constitui a própria essência do mundo, o seu caráter eidético. Ela pode ser vista dessa forma se considerarmos que o poeta a caracteriza como sendo perene, portanto, independente de qualquer coisa que o homem possa fazer. No já citado poema *As cismas do destino*, podemos encontrar uma evidência dessa concepção:

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!
Das papilas nervosas que há nos tãos
Veio e vai desde os tempos mais transatos
Para outros tempos que hão de vir ainda!¹³

Para o crítico Antonio Arnoni Prado, a poesia de Augusto dos Anjos possui a característica de desvelar a essência do mundo, mundo este marcado pelo signo do infortúnio. Eis o que ele nos diz: "... em Augusto

¹¹ Ibid., p. 213.

¹² Que, como já foi esboçado, é perpétua, pois, para o poeta, todos os entes são "fogos passageiros" reduzidos a perecerem diante da "mecânica nefasta", que rege o nosso mundo.

dos Anjos os sentidos se apuram para registrar a derrocada de um mundo que se degrada por inteiro.”¹⁴ A obra do poeta paraibano pode ser vista, assim, como uma espécie de réquiem onde se canta o terribilíssimo destino que está reservado para a humanidade, onde se canta o constante suplício e a constante “queixa/ Das coletividades sofredoras.”¹⁵

Após estas considerações iniciais, é necessário dizer que o que se pretende, aqui, é focar a temática que seja comum entre Augusto dos Anjos e Schopenhauer e refletir sobre ela, sem a pretensão de definir a filosofia do alemão como determinante da poesia do paraibano (pois isto o transformaria num epígono), mas buscando-se os parentescos e as convergências existentes entre ambas as obras.

O plano do trabalho divide-se em três movimentos ou capítulos. Um primeiro, de apresentação e reflexão sobre a filosofia de Schopenhauer, no que concerne basicamente a sua visão pessimista do mundo. Assim, além da reflexão sobre conceitos fundamentais como vontade e representação, vão-se analisar temas como o amor, a dor e o sofrimento, a sua visão negativa acerca da natureza humana, a vida como um pêndulo oscilante entre o tédio e o sofrimento, a crítica a todo otimismo, a saída pelo ascetismo e pela busca do nada. Ao mesmo tempo, de forma breve, vai-se procurar já identificar convergências em relação à temática do pessimismo

¹³ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 219.

¹⁴ Antonio Arnoni Prado, *Um fantasma na noite dos vencidos*, p. XXXI.

¹⁵ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 223 (poema *As cismas do destino*).

em Augusto dos Anjos, pela apresentação e análise de poemas que possuem consonância com o ideário schopenhaueriano.

A partir das referências, exemplificações e reflexões feitas no primeiro capítulo em relação à poesia de Augusto dos Anjos, no segundo vai-se buscar o aprofundamento dos temas relacionados e já comparados do poeta paraibano para com a filosofia de Schopenhauer. Também serão apresentados novos temas presentes em sua poesia: a decomposição, a degradação da vida, o grotesco, a predominância do feio, a dissonância presente tanto no conteúdo como na forma de sua poesia, etc.

O terceiro capítulo funcionará como conclusão do trabalho. Nele vão-se fazer algumas considerações acerca do fazer filosófico e do fazer poético, bem como se refletirá novamente acerca dos temas trabalhados anteriormente.

CAPÍTULO I:

O PESSIMISMO EM SCHOPENHAUER OU O PIOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS.

“Viver é sofrer”, esta é uma máxima que pode sintetizar o pensamento de Schopenhauer em relação à espécie humana, em relação à presença do homem no mundo. A sua convicção de que o mundo é regido pela dor e pelo sofrimento está evidenciada em passagens como essa em que nos diz: “Embora toda infelicidade individual apareça como exceção, a infelicidade em geral constitui a regra.”¹⁶ Ou ainda: “Se um Deus fez este mundo, eu não gostaria de ser esse Deus: a miséria do mundo esfacelarme-ia o coração.”¹⁷ Essas passagens exemplificam de maneira notável a sua cosmovisão pessimista.

Schopenhauer chega a considerar as visões otimistas acerca da vida como uma afronta, como um engodo. Acerca disso, o filósofo nos diz no “Livro Quarto” de *O mundo como vontade e representação*¹⁸:

¹⁶ Arthur Schopenhauer, *Parerga e paralipomena*, p. 216.

¹⁷ Arthur Schopenhauer, *Dores do mundo*, p. 41.

¹⁸ Em relação a essa obra de Schopenhauer, duas versões vão ser citadas na dissertação: A principal, a portuguesa da Editora Rés; esporadicamente, também utilizarei uma versão espanhola, da Librería “El Ateneo” Editorial, quando a citação for dos apêndices da obra, já que esses não estão presentes na versão portuguesa.

Se, colocássemos sob os olhos de cada um as dores, os sofrimentos horríveis a que a vida nos expõe, o pavor tomar-nos-ia: peguem no mais endurecido dos otimistas, passeiem-no através dos hospitais, dos lazaretos, dos gabinetes onde os cirurgiões fazem mártires; através das prisões, das câmaras de tortura, dos telheiros para escravos; nos campos de batalha, e nos locais de execução; abram-lhe todos os negros retiros onde se esconde a miséria, que foge dos olhares dos curiosos indiferentes; para acabar, façam-no lançar uma olhadela na prisão de Ugolino, na Torre da Fome, ele verá, então, bem o que é o seu *meilleur des mondes possibles*.¹⁹

Em diversos poemas Augusto dos Anjos mostra-nos uma visão similar a de Schopenhauer, pois retrata de forma crua e dura os sofredores, apresentando-nos o suplício dos tísicos, dos lázaros, das prostitutas, etc. O poeta canta, assim, um mundo que, tal como o descrito pelo filósofo alemão, está longe de ser o melhor dos mundos possíveis. No poema *Monólogo de uma sombra*, temos um exemplo notável de convergência de Augusto dos Anjos com Schopenhauer no que tange a essa visão pessimista:

Continua o martírio das criaturas:
– O homicídio nas vielas mais escuras,
– O ferido que a hostil gleba atra escarva,
– O último solilóquio dos suicidas –
E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!²⁰

Atacando os otimistas, Schopenhauer tem como um alvo especial a filosofia de Leibniz. Para este último, o nosso mundo é o melhor dos

¹⁹ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, pp. 429-430.

mundos possíveis porque é derivado de um Deus que é a suma perfeição e que, por assim ser, atua – e não poderia deixar de fazê-lo – da maneira mais perfeita possível:

Donde se segue que, possuindo Deus a sabedoria suprema e infinita, age de modo mais perfeito, não só em sentido metafísico, mais ainda moralmente falando, e que pode dizer-se assim, a nosso ver, que quanto mais esclarecido e informado se estiver acerca das obras de Deus, tanto mais se estará disposto a achá-las excelentes e satisfazendo inteiramente tudo o que se tiver podido desejar.²¹

A existência do mal no mundo é explicada por Leibniz como não sendo decorrente de Deus, mas do fato de que ele permite a existência de uma certa quantidade de mal em particular tendo em vista atingir um bem maior em geral. Essa visão está assim evidenciada quando ele nos dá o exemplo da existência de um pecador como Judas:

Resta a seguinte questão: porque é que um tal Judas, o traidor, que não é senão na idéia de Deus, existe atualmente? Mas, para essa questão, não há que esperar resposta neste mundo, a não ser que no geral se deve dizer que, visto Deus ter achado bem que ele existisse, não obstante o pecado que previa, este mal tem de ser compensado com acréscimos no universo, que Deus tirará dele um bem maior e que resultará, em suma, que esta série das coisas em que está compreendida a existência deste pecador, é a mais perfeita entre todos os outros modos possíveis. Mas, explicar sempre a admirável economia desta escolha, isso não é possível enquanto formos viandantes neste mundo; é já bastante sabê-lo sem o compreender.²²

²⁰ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 199.

²¹ Gottfried Leibniz, *Discurso de metafísica*, pp. 12-13.

²² *Ibid.*, pp. 72-73.

Assim, reafirma-se a tese do melhor dos mundos possíveis e defende-se a idéia | de que, se podemos saber quais são os desígnios de Deus, não podemos, contudo, compreendê-los.

Schopenhauer está em um pólo radicalmente oposto ao de Leibniz. Como foi apresentado anteriormente, para Schopenhauer, o mal no mundo, ou seja, a desgraça, a dor, o sofrimento, não é uma exceção (como defende Leibniz), mas é a regra geral, tanto que ele chega a considerar o mundo como um verdadeiro “inferno”²³. Portanto, não é um exagero o título deste capítulo, até porque Schopenhauer chega a dizer-nos que este é “o pior dos mundos possíveis”. Diz-nos isso alegando estar amparado na própria realidade, enquanto que Leibniz, por estar apoiado somente na “fantasia”, constrói uma visão de mundo impregnada de conceitos vazios, de “sofismas”:

A más de esto, los verdaderos sofismas con que Leibniz pretende demostrar que este mundo es el mejor de los mundos posibles, pueden ser contrastados con la prueba seria y leal de que el mundo es el peor posible de los mundos. Entendemos por posible, no todo aquello con que la fantasía puede soñar, sino lo que puede existir y subsistir realmente. Pero este mundo está construído de tal manera, que sólo puede existir con gran trabajo, y si estuviera un poco peor organizado, no podría mantenerse. Por lo tanto, un mundo peor, como no podría subsistir, no es posible; luego éste es el peor de los mundos posibles.²⁴

²³ Em mais de uma passagem de *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer caracteriza o nosso mundo como sendo um inferno. Um exemplo dessa visão está explicitada na p. 430.

²⁴ Arthur Schopenhauer, “Apêndice al libro cuarto” (*El mundo como voluntad y representación*), Vol. II de *Obras*, p. 649.

Segundo Marie-José Pernin, para Schopenhauer, o erro de Leibniz, na sua visão de mundo, é o de o considerar apenas pelo prisma da representação, ou seja, por ter dele apenas uma visão panorâmica. Diz-nos a comentadora de Schopenhauer:

Se Leibniz fica prisioneiro do mundo da representação, cuja dança reluzente o engana, não é por acaso. O sofrimento está ligado ao mal. Ora, é da essência do mal esconder-se, não mostrar-se como é, em suma, enganar. O mal está na distância que separa a representação da vontade, no caráter ilusório do conhecimento...²⁵

Maria Lúcia Cacciola parece ter uma visão análoga, quando nos diz que:

O mundo, visto “de fora”, do ponto de vista da representação, por causa da sua regularidade pode até permitir, mesmo em sentido figurado, a explicação teísta; porém, ao penetrarmos no seu lado interior, o subjetivo e o moral, a preponderância do mal, do sofrimento, da discórdia e do desvario faz-nos constatar que ele é tudo, menos uma teofania.²⁶

Assim, Leibniz teria incorrido no erro de não ter visto o mundo pela ótica da vontade, o que o impediu de ver, por essa perspectiva, que a existência do mal não é apenas uma exceção, uma contingência, mas é uma regra, faz parte da própria essência do mundo.

²⁵ Marie-José Pernin, *Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo*, pp. 150-151.

²⁶ Maria Lúcia Cacciola, *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, p. 140.

O mundo considerado como representação é apenas um dos aspectos que o constitui. Neste aspecto está abarcado todo o reino dos fenômenos, regidos pelo princípio de razão (menos no que tange à arte) e onde se encontra o tempo, o espaço, a causalidade e o princípio de individuação. Mas existe algo que está fora deste aspecto, a saber, a vontade. A vontade, que Schopenhauer compara aos conceitos de Idéias, de Platão e de coisa em si, de Kant, é a essência que constitui a vida de todos os seres. Como essência dos seres, a vontade está fora, portanto, do reino dos fenômenos. A vontade, como coisa em si, é mesmo incognoscível²⁷, somente conhecemos as suas manifestações.

Para Schopenhauer, o mundo só possui existência na medida em que é representado pelo sujeito, que reconhece nele seu objeto. Assim, cada sujeito constitui uma espécie de microcosmo. Já a vontade é o motor, é o combustível indispensável para a existência da vida. Portanto, eis os dois lados da moeda, eis os dois aspectos constituintes do mundo para Schopenhauer, a vontade e a representação, não existindo nada além disso:

... espero, dizia, ter conseguido provar duma maneira certa que este mundo, em que vivemos e existimos, é, ao mesmo tempo e em todo o seu ser, em todo o lado vontade, em todo o lado representação (...) assim, o mundo é como o indivíduo, em toda a parte vontade, em toda a parte representação, e, fora destes dois elementos, não permanece nenhum resíduo.²⁸

²⁷ Somente no seu processo de anulação ela torna-se cognoscível, ou seja, quando ela, conhecendo a si própria suprime-se, sendo que, a partir desse momento, o homem passa de indivíduo para sujeito do conhecimento.

²⁸ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, pp. 211-212.

Schopenhauer tem, dentro de sua obra, uma preocupação essencial, a de que a filosofia tem que dar conta da existência humana e do mundo. Daí sua crítica às filosofias que ele qualifica como destituídas de realidade, filosofias meramente conceituais. No seu livro *Sobre a filosofia universitária*, ele tece essas críticas à filosofia de Hegel, dizendo que ela é um conjunto de conceitos vazios, sem suporte na realidade. Já no “Livro Primeiro” de *O mundo como vontade e representação*, ao demonstrar que, por exemplo, o conceito de férias pode tanto ser bom como ruim, dependendo de como se faça uma ordem seqüencial de benefícios ou malefícios²⁹, ele novamente critica as filosofias puramente conceituais. Ele nos diz que tais filosofias possuem uma natureza sofisticada e, que nesse conjunto, estaria incluída a filosofia leibniziana. Nesse sentido, lamentando que muitas teorias científicas e filosóficas tenham sido construídas a partir de suportes errôneos, comenta:

Na realidade, a maior parte das argumentações científicas e sobretudo filosóficas não são, no fundo, organizadas duma maneira diferente; como seria possível doutro modo que, em todos os séculos, tantas doutrinas erradas tenham sido não apenas aceites (porque o erro tem uma outra origem), mas ainda estabelecidas pela razão demonstrativa, doutrinas que mais tarde foram demonstradas como absolutamente falsas: tais são, por exemplo, a filosofia de Leibniz e Wolf, a astronomia de Ptolomeu, a química de Stahl, a teoria das cores de Newton, etc.³⁰

²⁹ Ou seja, para Schopenhauer, um conceito por si só não prova nada, pois ele, dependendo do caso, tanto pode ganhar uma conotação positiva como negativa, necessitando, para ser fidedigno, como já foi dito, de estar amparado na realidade.

³⁰ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, p. 70.

Para Schopenhauer, como já foi dito, a filosofia deve partir do mundo e não dos conceitos. Desse modo, partindo da realidade como ela lhe parece, o mundo é, na sua visão, um lugar de domínio do sofrimento e do mal e não da felicidade e do bem vindouros de um artifice bondoso, que, para ele, não existe. Aliás, Deus, diante das misérias do mundo, é um conceito vazio, e o teísmo e, sobretudo, o panteísmo, teorias infundadas diante desta mesma realidade.

Mas qual seria a razão do sofrimento humano para Schopenhauer?

A resposta está relacionada à essência do homem, à sua vontade:

... graças à causalidade que encadeia as coisas, o maior número dos desejos está destinado a não encontrar a sua satisfação: a Vontade é, portanto, muito mais vezes contrariada do que satisfeita; e quanto mais uma Vontade for violentada e multiplicar os seus impulsos, mais violentos e múltiplos serão os sofrimentos que ela arrastará atrás de si. Com efeito, o que é um sofrimento? Apenas uma vontade que não está satisfeita, e que está contrariada: mesmo a dor física que acompanha a desorganização ou a destruição do corpo, não tem outro princípio; o que a torna possível, é que o corpo é a própria Vontade no seu estado de objeto.³¹

Assim, chega-se à conclusão, seguindo esse prisma, de que quanto mais se quer mais se sofre.

Na visão de um crítico como Emile Bréhier, a vontade, dentro da filosofia schopenhaueriana, apesar de ser a essência de toda a vida é, por

³¹ Ibid., p. 482.

isso mesmo, algo absurdo, pois não tem uma causa ou necessidade em si, gerando nos seres, que estão totalmente sob o seu jugo, um querer viver que é de todo absurdo:

*Voilà évoquée l'essence des choses: une perception illusoire produit d'une volonté absurde. Voici en même temps saisie la racine du mal inhérent à l'existence: c'est le vouloir-vivre, absurde, sans raison et sans fin, qui engendre toujours de nouveaux besoins, et avec eux de nouvelles douleurs.*³²

Assim, além do sofrimento que a vontade – essência de todos os seres – semeia no mundo, o que dá a este mundo o seu caráter mais absurdo é o fato de que ela é uma necessidade que não tem razão de ser, de que ela é uma necessidade sem necessidade. Ou seja, a vontade em si é algo destituído de finalidade. Ela é em si cega, irracional e insaciável. Nesse excerto, Clément Rosset defende que, para Schopenhauer, o mundo é dominado pelo absurdo, pois é regido por uma necessidade sem causa:

*L'absurde est que tout soit à la fois nécessaire et privé de nécessité, que la nécessité qui gouverne le monde soit elle-même privée de nécessité, de cause pour l'expliquer et la justifier du même coup. Fondement de tout, la nécessité est en même temps dénuée de tout fondement, d'où une oppression contradictoire qui pèse sur l'existence humaine, et le caractère fictif de la nécessité qui gouverne le monde.*³³

³² Emile Bréhier, *Schopenhauer*, p. 715.

³³ Clément Rosset, *Schopenhauer philosophe de l'absurde*, p. 76.

Um mundo cuja vontade os homens anulassem seria, na visão de Schopenhauer, um mundo sem sofrimentos (contudo, logicamente, isto implicaria a impossibilidade da perpetuação da espécie). Eis porque o filósofo recomenda o ascetismo, a anulação da vontade, a busca pelo nada. E a vida de monges hindus e budistas e de santos cristãos lhe servem de exemplo na defesa do ascetismo.

Augusto dos Anjos, no soneto *A um gérmen*, defende a idéia de que o nada é melhor que a vida (propagadora de sofrimentos), que é melhor o nada do que fazer parte deste mundo:

Começaste a existir, geléia crua,
E hás de crescer, no teu silêncio, tanto
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto
Das tuas concreções plásmicas flua!

A água, em conjugação com a terra nua,
Vence o granito, deprimindo-o... O espanto
Convulsiona os espíritos, e, entanto,
Teu desenvolvimento continua!

Antes, geléia humana, não progridas
E em retrogradações indefinidas,
Volvas à antiga inexistência calma!...

Antes o Nada, oh! gérmen, que ainda haveres
De atingir, como gérmen de outros seres,
Ao supremo infortúnio de ser alma!³⁴

Em relação ao cristianismo como modelo de ascetismo a se seguir, Schopenhauer assume uma postura radicalmente oposta à que Nietzsche

³⁴ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 316.

assumirá mais tarde. Vejamos um exemplo claro. Eis o que é dito por Schopenhauer nos *Parerga e paralipomena*: “Entre o espírito do paganismo greco-romano e o cristão se situa propriamente a oposição entre a afirmação e a negação do querer-viver, segundo que em última instância, o cristianismo no fundo está correto.”³⁵ Já Nietzsche, em *O anticristo*, diz-nos que houve um grande malogro para a humanidade com o advento do cristianismo, destruindo-se tudo de bom que os gregos e romanos fizeram – “A excelência do instinto, o gosto, a investigação metódica, o gênio da organização e da administração, a fé, a *vontade* para o futuro humano, o grande sim a todas as coisas visíveis enquanto *imperium romanum*, visível para todos os sentidos, o grande estilo não já simplesmente arte, mas feito realidade, verdade, *vida*...”³⁶ – e passando-se assim, do sim à vida e ao instinto, ao não à vida, ao “nihilismo” cristão. Ele conclui com indisfarçada tristeza e desapontamento: “Em *vão* todo o trabalho do mundo antigo: não tenho palavras que expressem o meu sentimento sobre algo de tão monstruoso.”³⁷

Wanda Bannour em artigo sobre a obra de Schopenhauer denominou-o de “religioso ateu”. Esse rótulo possui consistência, na medida em que o filósofo alemão procura, com sua obra, a negação da vida terrena, tal qual apregoam os religiosos, contudo, sem acreditar num Deus e em uma vida após a morte. E esse nada simboliza, para ele, o Nirvana, a

³⁵ Arthur Schopenhauer, *Parerga e Paralipomena*, p. 228.

³⁶ Friedrich Nietzsche, *O anticristo*, p. 103.

³⁷ *Ibid.*, p. 102.

máxima bem-aventurança a que se pode chegar. Para ele, essa busca pelo nada constitui-se na negação da vontade e, conseqüentemente, na fuga dos desejos (insaciáveis) e dos prazeres (efêmeros). Wanda Bannour expõe desse modo a negação schopenhaueriana ^{do} querer viver:

Assim, em todos os níveis, o pensamento de Schopenhauer agride a vida, ativando o niilismo masoquista que habita o mais íntimo do pensamento europeu. Mortificando a vontade, o pensador situa-se na tradição fedoniana do corpo-túmulo.³⁸

A filosofia de Schopenhauer é tão avessa à vida que chega a considerá-la como um crime. E ele cita o poeta espanhol Calderón de la Barca para amparar sua tese:

*Pues el delito mayor
Del hombre, es haber nacido.*³⁹

Para Schopenhauer a vida é um crime, que a morte, uma lei eterna, tem a função de punir.

Essa visão, a de que a vida tem que expiar sua culpa através da morte, também foi apresentada por Augusto dos Anjos:

Porque a morte, resfriando-vos o rosto,
Consoante a minha concepção vesânica,
É a alfândega, onde toda a vida orgânica

³⁸ Wanda Bannour, *Schopenhauer*, p. 208.

³⁹ Citado por Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, p. 471.

Há de pagar um dia o último imposto!⁴⁰

Se a vida é um crime, por essa razão, a cópula e a conseqüente procriação são alvos de violentos ataques dentro do pensamento schopenhaueriano. Pela procriação, a mesma vontade passa de pai para filho (pois todo ser vivo, para Schopenhauer, possui a mesma essência: a vontade) e com ela todas as mazelas da vida:

Como coisa em si, a vontade do gerador e do gerado, são apenas uma vontade, visto que só o fenômeno está submetido ao princípio de individuação, e não a coisa em si. Por efeito desta afirmação que ultrapassa o corpo do indivíduo, e vai até a produção de um novo corpo, a dor e a morte, também elas, e enquanto são essenciais ao fenômeno da vida, são também afirmadas de novo, e, por sua vez, a possibilidade de libertação que a inteligência chegada ao mais alto ponto de perfeição pode oferecer, está visivelmente perdida. Tal é a significação profunda da vergonha que acompanha o ato de geração.⁴¹

Assim, pela procriação, pela perpetuação da espécie, ultrapassa-se a dimensão individual na afirmação da vontade de viver.

Schopenhauer diz-nos que, se o ato sexual não fosse originário do instinto e do prazer, mas, pelo contrário, fosse um fenômeno puramente racional, talvez poucos colocassem uma pessoa no mundo, pois, segundo

⁴⁰ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, (Os doentes, p. 239).

⁴¹ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, pp. 434-435.

ele, quem o fizesse, dentro desses parâmetros, estaria agindo de forma “moralmente bastante duvidosa”.⁴²

Em relação à poesia de Augusto dos Anjos, o sexo também possui nela um aspecto extremamente negativo, é algo execrável e passível de culpa. É isso que nos diz Gilberto Freyre⁴³:

Augusto dos Anjos era extremamente sensível a tudo que lhe parecia sordidez. O mundo do sexo era para ele um mundo sórdido, em que o homem só fazia degradar-se numa espécie de lama (...) Em seus poemas, o sexo aparece manchado de culpa. Parece que encontrou desde menino nessa suprema manifestação de vitalidade um gosto áspero e amargo do veneno.⁴⁴

Poder-se-ia, quiçá, completar essa asserção de Gilberto Freyre, dizendo-se que o sexo para Augusto dos Anjos é um veneno cujo efeito é o infortúnio de engendrar e propagar a vida. Esse *excerto* de *As cismas do destino* é um bom exemplo da visão negativa do poeta acerca do sexo e da procriação:

Mas, a irritar-me os globos oculares,
Apregoando e alardeando a cor nojenta,
Fetos magros, ainda na placenta,
Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível
Dessa fatalidade igualitária,
Que fez minha família originária

⁴² Arthur Schopenhauer, *Parerga e paralipomena*, p. 231.

⁴³ Publicado em *The Statford Monthly*, Boston, setembro, 1924. Traduzido do inglês por Miguel Lopes Vieira Pinto e revisto pelo autor (1943). Repr. In *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro, J. Olímpyo, 1944 (Col. Documentos Brasileiros 41).

⁴⁴ Gilberto Freyre, *Nota sobre Augusto dos Anjos*, p. 80.

Do antro daquela fábrica terrível!⁴⁵

Nascer, vir ao mundo, é, para Augusto dos Anjos, a “fatalidade igualitária” que prolonga o sofrimento humano de geração em geração. É por isso que o sexo (a “fábrica terrível”) também aparece manchado de culpa para o poeta, tal como o é para Schopenhauer, não sendo mero acaso a sua obsessão pela figura da prostituta, que representa por excelência em sua poesia a mácula no qual o ato sexual está imerso. É pelo ato sexual que se perpetua a vida e, como veremos, para o poeta do *Eu* seria muito melhor a inexistência do que fazer parte deste mundo de constantes suplícios e flagelos.

O amor é um tema que recebe especial atenção por parte de Schopenhauer. Sua postura em relação a esse tema é, sem dúvida, extremamente anti-romântica. Primeiramente, Schopenhauer estabelece a força, o poderio desse sentimento sobre os homens, pois é ele:

que rompe as mais preciosas relações, quebra os mais sólidos laços, torna vítimas ou a vida ou a saúde, a riqueza, a situação e a felicidade, faz do homem honesto um homem sem honra, do fiel um traidor, que parece ser qual demônio malfazejo que se esforça por alterar, transtornar e destruir tudo...⁴⁶

O amor é, assim, o sentimento que exerce maior influência sobre a vida dos homens, sendo quase sempre o combustível que impele os

⁴⁵ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, 212.

homens à ação. Contudo, Schopenhauer diz-nos que, embora os amantes, os enamorados, pensem estar construindo a felicidade individual pela concretização do amor, na verdade, eles estão construindo somente a felicidade da espécie. É a constituição de um novo ser e, portanto, o perpetuar da espécie, o real motivo do matrimônio. Assim, há o triunfo da espécie sobre o indivíduo.

Reconhecendo num primeiro momento o poder que o amor exerce sobre os homens, bem como o papel imprescindível que esse sentimento possui na perpetuação da espécie, Schopenhauer chega a um veredito conseqüentemente negativo em relação ao amor. E acusa dessa forma os que se deixam guiar por ele:

Porque esses enamorados são traidores, que trabalham em segredo para perpetuar toda a miséria e todos os tormentos que, sem eles, teriam um fim próximo, esse fim que eles não permitem que se realize, como fizeram outros antes deles.⁴⁶

Se é pelo amor que um homem e uma mulher se encontram e perpetuam a espécie, esse sentimento, dentro do ideário schopenhaueriano, é um conspirador para a perpetuação também da dor, do sofrimento, da miséria, etc.

Embora sejam poucos os momentos em que Augusto dos Anjos nos fala acerca do amor em sua poesia, há, da mesma forma que em

⁴⁶ Arthur Schopenhauer, *Dores do mundo*, p. 47.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 83.

Schopenhauer, uma tendência a vê-lo de forma negativa. Vejamos esse fragmento de *Versos de amor*.

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!
O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudesse eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!⁴⁸

A aproximação, nesse ponto, entre o filósofo alemão e o poeta brasileiro, possui consistência se lembrarmos que aquele também avisa-nos de que o amor possui um caráter embusteiro, funciona como uma armadilha:

Mas não é só a paixão que tem por vezes um desenlace trágico: o amor satisfeito também conduz mais freqüentemente à infelicidade do que à felicidade, porque as exigências do amor, em conflito com o bem-estar pessoal do amante, são de tal modo incompatíveis com as outras circunstâncias da sua vida e os seus planos de futuro que minam todo o edifício dos seus projetos, das suas esperanças e dos seus sonhos.⁴⁹

Dessa forma, para Schopenhauer, embora os homens pensem estar realizando sua felicidade pessoal pela concretização do amor, é apenas, como já foi dito anteriormente, a felicidade da espécie que é satisfeita,

⁴⁸ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 267.

sobrevindo a ele, depois de algum tempo, geralmente as sensações de infelicidade e de que foi ludibriado. Portanto, pode-se dizer que, para o filósofo alemão, o amor também é cana azeda que engana a todos ao parecer doce.

É interessante registrar que, para Schopenhauer, apesar de - inconscientemente estar trabalhando pela espécie no caso da procriação, o egoísmo é uma característica inata no homem - aliás, sua concepção da natureza humana é muito semelhante a de Hobbes. Eis o que nos é dito pelo filósofo em relação ao egoísmo humano, que impulsiona verdadeiros espetáculos de horror:

Mas onde ele se manifesta plenamente, é quando, num grupo de homens, toda a lei, toda a ordem, chega a ser derrubada. Então vê-se claramente essa *bellum omnium contra omnes*, de que Hobbes, no primeiro capítulo do *De Cive*, fez uma descrição tão perfeita. Aí, vê-se cada um não só arrancar ao primeiro que aparece aquilo que tem necessidade, mas, para acrescentar mesmo imperceptivelmente o seu bem-estar, arruinar completamente a felicidade, a vida inteira de outrem.⁵⁰

Schopenhauer diz-nos que, entre os homens, a perversidade, a dissimulação, o engodo e a inveja são sentimentos tão constantes, tão corriqueiros, que o sábio deve estar prevenido e municiado para não sofrer nas mãos de outrem. Em seu livro intitulado *Eudemonologia*, ele chega a

⁴⁹ Arthur Schopenhauer, *Dores do mundo*, p. 75.

⁵⁰ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, p. 440.

duvidar da existência da amizade verdadeira entre os homens e nos diz que estes fomentam intensamente sua desconfiança e sua cautela:

Del mismo modo que el papel moneda circula em vez de plata, así también, en lugar del aprecio y de la amistad verdaderos, sus demostraciones y sus apariencias, imitadas lo más naturalmente posible, son las que tienen curso en el mundo. Verdad es que se pudiera preguntar si hay verdaderamente personas que merezcan el aprecio y la amistad sincera. Sea como quiera, tengo más confianza en un perro leal, cuando mueve la cola, que en todas esas demostraciones y fórmulas.⁵¹

Côncio, talvez, dessa maldade e desse egoísmo intrínsecos ao homem, Augusto dos Anjos escreveu o soneto *Homo infimus* em que nos apresenta todo o seu pessimismo em relação à humanidade, digna, para ele, somente de lamento e piedade:

Homem, carne sem luz, criatura cega,
Realidade geográfica infeliz,
O Universo calado te renega
E a tua própria boca te maldiz!

O nômene e o fenômeno, o alfa e o omega
Amarguram-te. Hebdômadas hostis
Passam... Teu coração se desagrega,
Sangram-te os olhos, e, entretanto, ris!

Fruto injustificável dentre os frutos,
Montão de estercorária argila preta,
Excrescência de terra singular,

Deixa a tua alegria aos seres brutos,
Porque, na superfície do planeta,

⁵¹ Arthur Schopenhauer, *Eudemonologia*, Vol. II de *Obras*, pp. 866-867.

Tu só tens um direito: – o de chorar!⁵²

Já no poema *Os doentes*, Augusto dos Anjos dá-nos exemplos claros da tirania a que o homem pode chegar, de sua natureza malévola. Primeiramente, falando-nos do flagelo e do expurgo dos índios brasileiros:

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Maculou de opróbrios a alma do *mazombo*,
Cuspiu na cova do *morubixaba!*

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História!⁵³

Em outro ponto, Augusto dos Anjos fala-nos da desonra e da humilhação que os homens infligem aos seus semelhantes:

E hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos,
Vendo passar com as túnicas obscuras,
As escaveiradíssimas figuras
Das negras desonradas pelos brancos;⁵⁴

Contudo, para Schopenhauer, o homem pode anular seu egoísmo pelo exercício ético da compaixão, da piedade. Esse seria o segundo grau, ou grau intermediário, no caminho para a anulação da vontade. O

⁵² Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 332.

⁵³ *Ibid.*, p. 240.

primeiro é o da contemplação estética, em que o homem esquece momentaneamente o seu querer e purifica-se, entra em estado de catarse ao contato com a obra de arte. Entretanto, esse estágio é muito efêmero para a libertação da vontade, mesmo naquele que possui o gênio artístico. Já o grau supremo é o da ascese, da busca pelo nada, pelo Nirvana (único caminho para a verdadeira e duradoura felicidade), do qual já se falou aqui e ainda se falará. Se o egoísmo é uma característica inata ao homem que sempre quer, que incessantemente é escravo da vontade, para Maria Lúcia Cacciola a compaixão, para Schopenhauer, possui um estatuto metafísico. Para corroborar essa visão, ela cita essa asserção contida no “Apêndice” de *Sobre o fundamento da moral*, em que Schopenhauer nos diz:

A individuação é mera aparência que surge com o espaço e o tempo, que nada mais são do que as formas condicionadas de todos os seus objetos através da minha faculdade cerebral do conhecimento: por isso é que também a multiplicidade e diferenciação só existem na minha representação. Minha essência interna verdadeira existe tão mediatamente em cada ser vivo, do mesmo modo que ela se manifesta por mim mesmo.⁵⁵

Dessa forma, só há individualidade ou individuação, como já foi dito anteriormente, no nível do fenômeno, já que para Schopenhauer todos os seres possuem uma única e mesma essência, a vontade. Portanto, se o homem admite e compreende esta essência comum, ele deve desejar o

⁵⁴ Ibid., p. 247.

⁵⁵ Citado por Maria Lúcia Cacciola, In: *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, p. 158.

bem-estar de outrem tanto quanto o seu, provindo daí a necessidade da compaixão para o homem imbuído de uma postura ética.

Desse dado, de que, para Schopenhauer, todos os seres possuem uma essência comum, pode-se postular a existência de um monismo na sua visão de mundo. É o que defendem Umberto Padovani e Luís Castagnola ao falarem acerca da essência dos seres:

A vontade, portanto, seria a essência do universo, o noumenon da experiência. Esta vontade é cega e irracional, porquanto as suas manifestações no mundo são irracionais, e tanto mais quanto mais se sobe na hierarquia dos seres até o homem, no qual o mal e a dor do universo são compediados e em demasia intensificados. E essa vontade é una e imanente; pois Schopenhauer tem em comum com Kant a pressuposição do monismo, que depende de Spinoza.⁵⁶

Já Clément Rosset aponta, seguindo uma perspectiva semelhante, a unidade e a essência comum de todos os seres. Ele compara os seres às células que estão a serviço de uma entidade única, os corpos e, assim, também defende a existência de um monismo dentro do pensamento schopenhaueriano:

*Tous les phénomènes disséminés dans la nature, tant l'attraction des corps célestes que la volonté et les aspirations de la personne, représentent autant de parties d'un même et unique Vouloir, de même que toutes les cellules de l'organisme sont au service de cette indivisible entité qu'est le corps.*⁵⁷

⁵⁶ Umberto Padovani e Luís Castagnola, *O pessimismo de Schopenhauer*, p. 396.

⁵⁷ Clément Rosset, *Schopenhauer philosophe de l'absurde*, p. 28.

O monismo que se pode vislumbrar na filosofia de Schopenhauer, contudo, é bem diverso dos monismos de filósofos como Espinosa e Leibniz. Enquanto que, para estes, o mundo é originado a partir de uma única substância, identificada como sendo Deus, para aquele, essa substância ou essência é a vontade. Assim, enquanto as teorias de Espinosa e Leibniz engendram perspectivas teístas (no caso de Espinosa, o panteísmo), a filosofia de Schopenhauer afirma o mal como essência do mundo (pois a vontade origina toda a espécie de infortúnios e mazelas) e apresenta um ateísmo ortodoxo e contundente advindo dessa concepção pessimista da realidade. Schopenhauer, ao mesmo tempo em que nega a existência de Deus, afirma uma essência, uma coisa em si, enfim, uma metafísica. Contudo, uma metafísica imanente. Ou seja, a vontade, por ser a essência de todos os seres, é para o filósofo alemão um princípio metafísico, contudo, não é, por exemplo, como o conceito de Deus, algo transcendente, mas sim algo que é imanente ao mundo, portanto, algo que está inserido na totalidade dos entes e que impulsiona esta totalidade. Portanto, existe nesse caso um monismo na filosofia de Schopenhauer, a saber, o monismo da vontade, essência comum de todos os seres. Contudo, ela é algo intrínseco ao mundo e não transcendente⁵⁸.

⁵⁸ Como já foi dito anteriormente, a vontade está fora do reino dos fenômenos; portanto, ela é nômeno, ela é um princípio metafísico. Contudo, ao mesmo tempo, ela não é algo transcendente, no sentido, por exemplo, das concepções teístas. Como já foi falado, para Schopenhauer, o homem ascético, aquele que busca o nada, que busca o nirvana, consegue anulá-la e libertar-se do seu jugo.

Na poesia de Augusto dos Anjos, em vários poemas podem-se encontrar vestígios de uma concepção monista do mundo, como no soneto

Mater originalis:

Forma vermicular desconhecida
Que estacionaste, mísera e mofina,
Como quase impalpável gelatina,
Nos estados prodrômicos da vida;

O hierofante que leu a minha sina
Ignorante é de que és, talvez, nascida
Dessa homogeneidade indefinida
Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.

Nenhuma ignota união ou nenhum nexo
À contingência orgânica do sexo
A tua estacionária alma prendeu...

Ah! De ti foi que, autônoma e sem normas,
Oh! Mãe original das outras formas,
A minha forma lúgubre nasceu!⁵⁹

O monismo que se pode postular existente no ideário da poética augustiana é passível, sem dúvida, de mais de uma interpretação. Pode-se, dependendo de que poema for utilizado como exemplo, ver no seu monismo a presença do materialismo, como também do evolucionismo. Contudo, em outros casos, o poeta paraibano nos deixa a possibilidade de ver no seu monismo a presença de Deus (o soneto *Última visio* e o último dos dois sonetos de *Revelação* podem ser utilizados como exemplos desta possibilidade). No próximo capítulo, essa questão será abordada com

⁵⁹ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 227.

maior atenção e ênfase, quando se procurará mostrar que o Deus a que se refere Augusto dos Anjos não é o cristão, mas sim uma força imanente ao mundo, ou seja, como em Schopenhauer, com o conceito de vontade, uma essência intrínseca ao universo. Por ora, fiquemos com a parte final do soneto *Vox victimae*:

Na festa genetliaca do Nada,
Abraço-me com a terra atormentada
Em contubérnio convulsionador...

E aí! Como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da criatura
Ao corpo ubiqüitário do Criador!⁶⁰

Aqui, a visão monística do poeta parece possuir uma certa harmonia com a schopenhaueriana, se considerarmos principalmente que é ao "Nada" que parece caminhar a totalidade dos seres reunidos na unidade.

Voltando à questão do ascetismo, da busca pelo nada, Schopenhauer deixa-nos claro que só existe bem absoluto com a supressão total da vontade, do querer. Eis o único remédio que possui eficácia, sendo que qualquer outro remédio funciona apenas como um calmante de curto efeito, um simples anestésico. Ele evidencia-nos isso dizendo:

Sem a negação completa do querer, não há salvação verdadeira, libertação efetiva da vida e da dor. Antes de chegar aí, somos apenas

⁶⁰ Ibid., p. 364.

essa mesma vontade, cujo fenômeno é uma existência efêmera, um esforço sempre inútil, sempre vão, um mundo como representação cheio de misérias, ao qual todos nós pertencemos na mesma qualidade irrevogavelmente.⁶¹

Encontrar a felicidade, o bem-estar duradouro na vida, é algo impossível na visão de Schopenhauer, pois a vontade, essência do mundo, só produz o mal e a infelicidade:

A vida do homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos. Os homens tiveram que exprimir esta idéia de um modo singular; depois de haverem feito do inferno o lugar de todos os tormentos e de todos os sofrimentos, que ficou para o céu? justamente o aborrecimento.⁶²

Desse modo, não há o que se possa chamar de felicidade na vida, pelo menos não de forma duradoura. Só existe o sofrimento e o tédio. Como já foi dito, o sofrimento provém de uma carência, de um desejo não realizado. Mas, quando realizamos, quando satisfazemos um desejo, o prazer que daí resulta é fugaz, devido à natureza insaciável do querer, da vontade. Ou seja, quando conseguimos atingir um objetivo almejado o contentamento resultante é passageiro, advindo-nos logo o tédio, o fastio. E, nessa busca por saciar novos objetivos, novos desejos da vontade, na maior parte das vezes não os satisfazemos, acometendo-nos então o

⁶¹ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, pp. 526-527.

⁶² Arthur Schopenhauer, *Dores do mundo*, p. 35.

sofrimento. E a vida, assim, segundo Schopenhauer, desenrola-se neste triste círculo vicioso.

Schopenhauer, pela constatação do caráter efêmero e quimérico da felicidade e do predomínio da dor, opera uma inversão de valores em sua filosofia. Assim, a felicidade, o prazer, a alegria, que, para ele, são apenas uma ausência de carência momentânea, recebem uma conotação negativa, pois são um embuste, algo ilusório. Já a dor recebe uma conotação positiva, pois é a regra, ela mostra-nos como verdadeiramente é o mundo na sua essência: puro sofrimento. Eis as palavras do filósofo:

A satisfação, a felicidade, como lhes chama os homens é realmente e na sua essência apenas algo *negativo*; nela não há nada de positivo. Não há satisfação que venha até nós por si mesma e pelo seu próprio movimento, tem de ser a satisfação dum desejo. O desejo, com efeito, a privação, é a condição preliminar de todo o prazer. Portanto, a satisfação, o contentamento, poderiam ser apenas um alívio em relação a uma dor, a uma necessidade: sob este nome, não se deve entender, com efeito, apenas o sofrimento efetivo, visível, mas toda a espécie de desejo que, pela sua importunação, perturba o nosso repouso, e também esse aborrecimento, que mata, que faz da nossa existência um fardo.⁶³

Essa inversão de valores, em Augusto dos Anjos, pode ser encontrada em alguns poemas. Em *Queixas noturnas* podem-se encontrar dois exemplos dessa inversão. Eis o primeiro:

Bati nas pedras dum tormento rude
E a minha mágoa de hoje é tão intensa

⁶³ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, pp. 421-422.

Que eu penso que a Alegria é uma doença
E a Tristeza é minha única saúde!⁶⁴

O segundo exemplo encontra-se no quarteto final desse poema:

Melancolia! Estende-me a tua asa!
És a árvore em que devo reclinar-me...
Se algum dia o Prazer vier procurar-me
Dize a este monstro que eu fugi de casa!⁶⁵

O poeta paraibano também defende aqui que a felicidade possui um caráter ilusório, que é algo negativo e nocivo. Não é à toa que ele caracteriza o prazer como um “monstro”, preferindo a verdade dura e crua, preferindo a realidade à quimera vindoura da alegria, da felicidade.

Outro conceito que recebe uma inversão de valores dentro da filosofia schopenhaueriana é o de liberdade. Da constatação de que o homem é escravo da vontade, do querer, ele defende a tese de que não se pode falar de liberdade no seu sentido mais elevado, pois a liberdade só é alcançada “na simples *ausência de toda a força necessitante*.”⁶⁶ Ou seja, só se é livre quando se está desprovido de qualquer necessidade, e é por isto que também só somos livres quando atingimos o Nirvana, o único estágio de verdadeira felicidade e bem-aventurança, que é o encontro com o nada. A liberdade, por só ser possível pela ausência de necessidades e

⁶⁴ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 291.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 293.

⁶⁶ Arthur Schopenhauer, *O livre arbítrio*, p. 34.

conseqüente anulação da vontade, é, por isso, tal como a felicidade, algo negativo, pois não é conseguida naturalmente, mas apenas pelo radical exercício ascético.

Dentro da filosofia schopenhaueriana, o conhecimento parece ser fonte de sofrimento, podendo-se dizer que, quanto mais se conhece, mais se sofre. Isto é verossímil na medida em que quanto mais se conhece o mundo, mais percebe-se o quanto ele é absurdo e fonte de constantes malefícios e tormentos. E o próprio filósofo chega a dizer-nos que o vulgo tem uma existência mais tranqüila do que aquele que se debruça sobre os grandes problemas do mundo e da existência. Veremos, no próximo capítulo, que, na poesia de Augusto dos Anjos, o conhecimento parece também ser fonte de tormentos, na medida em que o poeta se autocondena por buscar decifrar o mundo e ver neste a esmagadora predominância da dor. Entretanto, é importante que se diga que, embora o conhecimento traga consigo mais sofrimentos (pela visão mais nítida do mundo e de suas inúmeras mazelas), paradoxalmente, para Schopenhauer, é pela sabedoria que podemos encontrar a única forma de encontrar a felicidade: a anulação da vontade. Ele diz-nos que, como já vimos, suprimindo a vontade pela ascese, pela busca do nada, o homem encontrará a verdadeira felicidade, pois anulará a essência que engendra todo o mal no mundo. É necessário, porém, que o homem seja logicamente dotado de grande sabedoria e conhecimento do mundo para atingir esse estágio supremo.

Assim, a partir do que já foi apresentado até aqui, pode-se defender a existência de uma série de afinidades e de convergências temáticas nas cosmovisões de Schopenhauer e de Augusto dos Anjos. O pessimismo (radical em Schopenhauer), através dos exemplos que se extraiu da obra de Augusto dos Anjos, parece apontar para a existência, muitas vezes, de forte similaridade entre ambos na forma de ver este nosso mundo. Para finalizar, cito esse soneto de Augusto dos Anjos (*O meu Nirvana*), em que ele faz referência direta a Schopenhauer, quiçá, como este, vislumbrando aqui o mesmo fim, o mesmo “Nirvana”:

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcero,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero,
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhaueriana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora
Do tato – ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias –

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das Idéias!⁶⁷

⁶⁷ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 310.

CAPÍTULO II:

O PESSIMISMO EM AUGUSTO DOS ANJOS OU O MUNDO EM DECOMPOSIÇÃO.

No “Livro III” de *O mundo como vontade e representação*, em que Schopenhauer constrói a sua Estética, ele nos diz o seguinte acerca do papel e da magnitude dos grandes poetas: “O poeta, pelo contrário, abarca a Idéia, a essência da humanidade, fora de toda a relação, fora do tempo; numa palavra, ele apreende a objectividade adequada da coisa em si, no seu grau mais alto.”⁶⁸ Para o filósofo alemão⁶⁹, muito mais que o historiador, o verdadeiro poeta é alguém que está muito mais apto a dizer o que é o homem, a dizer o que é o mundo. Em outro ponto, Schopenhauer reafirma a sua tese:

Igualmente, a quem quer que queira conhecer a humanidade na sua essência, na sua Idéia, sempre idêntica em todas as suas manifestações e desenvolvimentos, as obras dos grandes e imortais poetas darão uma imagem muito mais fiel e mais nítida do que o poderiam fazer os historiadores, visto que, mesmo os melhores entre

⁶⁸ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, p. 323.

⁶⁹ Nesta dissertação a obra de Schopenhauer serve, obviamente, como linguagem objeto, pois, juntamente com a obra de Augusto dos Anjos, serve como o referencial ou o material-mor a ser explorado. Entretanto, estou aqui (e em outros momentos adiante) tomando a liberdade de usar a obra do filósofo alemão como metatexto, já que julgo ser interessante e necessário fazê-lo para apresentar o ponto de vista que defendo acerca do papel do poeta e do fazer poético.

estes últimos, estão, como poetas, bem longe de serem os primeiros, e, além disso, não têm os movimentos livres.⁷⁰

Em muitos outros momentos, Schopenhauer defende essa tese, reafirmando a gigantesca tarefa da qual o grande poeta está incumbido, ou seja, a de ser o desvelador da essência do mundo e, por extensão, do homem. Penso que, em relação à poesia de Augusto dos Anjos, tal tese é aplicável, sendo que desenvolverei esta questão adiante.

Feitas estas colocações, a título de preâmbulo, passemos agora ao tema deste capítulo, ou seja, a poesia de Augusto dos Anjos. Já foram explorados no capítulo anterior, que versa sobre a filosofia pessimista de Schopenhauer, alguns pontos de convergência temática entre este filósofo e o poeta brasileiro. Irei, agora, retomar e desenvolver certos temas já explorados na dissertação, bem como apresentar, mais a frente, outros que ainda não o foram no que tange à obra do poeta do *Eu*. Todos esses temas ou características, como se verá, são aspectos que formam o que chamo de cosmovisão pessimista em Augusto dos Anjos.

Como vimos anteriormente, para Augusto dos Anjos, de forma similar a Schopenhauer, o ser humano é visto como possuidor de uma natureza malévola. Neste mundo em que é uma constante, para o poeta do *Eu*, a observação d' "O homem grande oprimindo o homem pequeno"⁷¹, ele, da mesma forma que o filósofo alemão, chega a duvidar da existência da

⁷⁰ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, p. 325.

⁷¹ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 220 (*As cismas do destino*).

amizade verdadeira, devido à crueldade e falsidade intrínsecas ao ser humano. O soneto *Versos íntimos* parece nos indicar essa concepção:

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!⁷²

O nosso mundo é, assim, o berço e morada de “feras” que, presas ao instinto, não deixam de realizar seus objetivos a despeito do infortúnio de seus semelhantes. Para Augusto dos Anjos⁷³, se “A mão que afaga” (por interesse) “é a mesma que apedreja” (também por interesse), este é um mundo em que o egoísmo e a maldade humana são a regra, em que a bondade (se é que ela existe) constitui a exceção.

⁷² Ibid., p. 280.

⁷³ Nunca se poderá falar bem o suficiente do seu antológico soneto *Versos íntimos*, principalmente dos dois tercetos. Digna de nota é a inversão que opera no 10º e no 14º versos (“O beijo, amigo, é a véspera do escarro” para “Escarra nessa boca que te beija!”) e no 11º e 13º (“A mão que afaga é a mesma que apedreja!” para “Apedreja essa mão vil que te afaga”).

Da mesma forma que a humanidade é má e egoísta na visão de Hobbes (no estado de natureza predomina “a guerra de todos contra todos”⁷⁴) e na de Schopenhauer⁷⁵ – ele nos diz que entre os homens predomina a máxima “Tudo para mim e nada para o outro” pois “O egoísmo é colossal, ele comanda o mundo”⁷⁶ –, ela também é vista desse modo pelo poeta do *Eu*. No soneto *Idealização da humanidade futura*, seu pessimismo em relação à natureza humana é mais uma vez extremado, defendendo a tese de que o homem sempre será esse ser miserável, com a consciência impregnada de “moléculas de lama”:

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
– Homens que a herança de ímpetos impuros
Tornara etnicamente irracionais! –

Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!⁷⁷

⁷⁴ Thomas Hobbes, *Do cidadão*, p. 38.

⁷⁵ Em *Sobre o fundamento da moral*, par. 14: “Motivações antimorais”, Schopenhauer distingue dessa forma o egoísmo e a maldade: pelo egoísmo atingimos aqueles que cruzam o nosso caminho, portanto, atingimos os outros como um meio para atingir um fim; já no caso da maldade, atingir os outros constitui-se no próprio fim.

⁷⁶ Arthur Schopenhauer, *Sobre o fundamento da moral*, p. 115.

⁷⁷ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 206.

O homem, escravo de seus desejos, de seus “ímpetos impuros”, também na visão de Augusto dos Anjos mostra-se um ser egoísta, escravo do seu querer. Por isso mesmo, se o homem é subordinado aos seus anseios, ele, do mesmo modo que na ótica schopenhaueriana, não é livre. No soneto *O corupião*, o poeta paraibano mostra-nos toda a quimera do conceito de liberdade. Tanto o pássaro do título, como o homem, são seres que não são livres, pelo contrário, encontram-se encarcerados, o primeiro, pela gaiola, o segundo, pela sua própria condição no mundo:

Escaveirado corupião idiota,
Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo,
E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo,
Que do fundo do chão todo o ano brota!

Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota
Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo,
Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebello
A gargalhada da última derrota!

A gaiola aboliu tua vontade.
Tu nunca mais verás a liberdade!...
Ah! Tu somente ainda és igual a mim.

Continua a comer teu milho alpiste.
Foi este mundo que me fez tão triste,
Foi a gaiola que te pôs assim!⁷⁸

Esse mundo triste expresso na poética augustiana é reafirmado tantas vezes que se assemelha ao cantochão repetido de forma constante em certos mosteiros. E a morte, o destino final a que todos os seres estão

fadados, constitui uma verdadeira obsessão. “Impressionado sem cessar com a Morte”⁷⁹, o poeta desenvolve, tal qual muitos artistas expressionistas⁸⁰, incessantemente o tema da precariedade da existência.

Na verdade, tanto na estética expressionista como na poesia augustiana, há a tendência em provocar o choque, em evocar estados de tensão, que jamais haviam sido produzidos de forma tão intensa no campo artístico até aquele momento. Disse muito bem R. S. Furness que, no caso do Expressionismo, há “uma predileção pelo êxtase e pela desesperança e, por conseguinte, uma tendência ao inflado e ao grotesco.”⁸¹ Disso pode-se tirar que o desconforto e a ansiedade são tônicas constantes nas obras dos artistas dessa vertente e que também a precariedade da existência é um tema enfatizado nelas de forma freqüente.

Como já afirmei, tal tema é exposto com insistência na poesia de Augusto dos Anjos. Procurando desvelar a essência do mundo, a sua poesia canta este como sendo dominado pela dor e pela morte, enfim, pela decomposição de toda a matéria. Nessas três estrofes de *Mistérios de um fósforo*, além de pintar de forma magnífica esse quadro, maldiz, à semelhança de Schopenhauer, a perpetuação da espécie:

⁷⁸ Ibid., p. 274.

⁷⁹ Ibid., p. 282 (*A ilha de Cipango*).

⁸⁰ Diz-nos Roger Cardinal em *O expressionismo* (p. 43): “A morte é um tema comum no delírio expressionista, no qual surge a descrição antilírica que Georg Heym faz da Ofélia afogada, ‘uma ninhada de ratões-d’água se alojam em seus cabelos’ ou na descrição macabra da dissecação de cadáveres nos poemas-necrotério de Benn; ou, ainda, nas inúmeras cenas de leito de morte retratadas por Munch e Kollwitz.”

⁸¹ R. S. Furness, *Expressionismo*, p. 35.

Presto, irrupto, através ovóide e hilaino
 Vidro, aparece, amorfo e lúrido, ante
 Minha massa encefálica minguante
 Todo o gênero humano intra-uterino!

É o caos da ávita víscera avarenta
 – Mucosa nojentíssima de pus,
 A nutrir diariamente os fetos nus
 Pelas vilosidades da placenta! –

Certo, o arquitetural e íntegro aspecto
 Do mundo o mesmo inda é, que, ora, o que nele
 Morre, sou eu, sois vóis, é todo aquele
 Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!⁸²

É em inúmeros momentos como esse que o poeta paraibano nos mostra todo o absurdo da existência. Estamos em um mundo que se desintegra implacavelmente (“... o que nele/ Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele/ Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!”), onde tudo possui um brilho ilusório e, além disso, em que a humanidade é digna apenas de lamentação por parte do poeta (lembrar, por exemplo, do soneto *Homo infimus*, citado no primeiro capítulo), pois é má e egoísta. Diante de todo esse quadro pintado pelo poeta do *Eu*, percebemos a razão do sexo e da procriação serem tão duramente combatidos por ele.

Se, como vimos, a precariedade da existência é reafirmada à exaustão, também a dor, por predominar no mundo, é uma tônica constante na poesia do paraibano. Logo no primeiro poema do *Eu*, *Monólogo de uma sombra*, o poeta nos diz: “Ah! Dentro de toda a alma existe a prova/ De que a dor como um darto se renova,/ Quando o prazer

barbaramente a ataca..."⁸³ A dor é, para Augusto dos Anjos, algo que caracteriza todos os seres, até os inanimados (ver, por exemplo, o poema *Numa forja*). Portanto, ela é algo que se constitui, da mesma forma que em Schopenhauer, em essência do mundo – lembrar que para o filósofo alemão querer é sinônimo de sofrer, portanto, na sua visão, o sofrimento é perpétuo enquanto vivemos –. A tese da dor como essência do mundo na poesia de Augusto dos Anjos é defendida também por críticos como Elbio Spencer⁸⁴, que afirma que:

A dor, no entender de Augusto, era a máxima motivação à fraternidade universal, porquanto ela exercendo seu império sobre a natureza, todos por ela eram tocados e por ela deviam se irmanar. Disso se tinha prova na própria mecânica natural do transformismo molecular, onde os seres integram o todo e pelo todo são integrados. A dor é eterna, e como tal, integra a própria vida. Eis a idéia angular do poeta.⁸⁵

Entretanto, se a dor é eterna, se ela é essência do mundo, então, como já foi mostrado no capítulo anterior, ela deve ter algo de positivo. Tanto na filosofia de Schopenhauer como na poesia de Augusto dos Anjos isso é um fato. Se a dor é essência do mundo ela constitui-se, portanto, em verdade suprema e, por isso, é positiva. Ou seja, se a dor por uma lado é, algo terrível, por outro, pelo menos, nos mostra a real face do mundo. Ela não é algo ilusório. Assim, conseqüentemente, o seu oposto, a alegria (ou

⁸² Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 305.

⁸³ *Ibid.*, p. 199.

⁸⁴ De *Jornal do Comércio*, Recife, 7 abr. 1967.

bem-estar, ou felicidade, ou qualquer outro sinônimo), só pode ser um embuste ou, na melhor das hipóteses, algo efêmero. Dessa forma, a alegria é negativa, pois é uma simples ausência momentânea de dor. Augusto dos Anjos enfatiza muito bem a dor como sendo positiva no soneto *Hino à dor*.

Dor, saúde dos seres que se fanam,
Riqueza da alma, psíquico tesouro,
Alegria das glândulas do choro
De onde todas as lágrimas emanam...

És suprema! Os meus átomos se ufanam
De pertencer-te, oh! Dor, ancoradouro
Dos desgraçados, sol do cérebro, ouro
De que as próprias desgraças se engalanam!

Sou teu amante! Ardo em teu corpo abstrato.
Com os corpúsculos mágicos do tato
Prendo a orquestra de chamas que executas...

E, assim, sem convulsão que me alvoroce,
Minha maior ventura é estar de posse
De tuas claridades absolutas!⁸⁶

Augusto dos Anjos deixa transparecer, nesse soneto, que através de suas “claridades absolutas”, a dor nos fornece – por ser “suprema” – a chave de compreensão do mundo, constituindo-se assim, juntamente com a derrocada de toda a matéria, em verdade maior, em essência. Mesmo sendo por demais terrificante para o poeta paraibano, ele também dá à ela, dessa forma, uma conotação positiva, chegando até a denominá-la de “sol do cérebro”.

⁸⁵ Elbio Spencer, *Augusto dos Anjos num estudo incolor*, p. 183.

Como procurei defender, citando Schopenhauer no começo deste capítulo e ancorando-me em sua visão, os grandes poetas caracterizam-se por serem desveladores da essência do mundo. E Augusto dos Anjos, sem dúvida, pertence a esse seletto grupo. Podemos encontrar eco disso nessa asserção de Ferreira Gullar: "... Augusto, com sua consciência (...) indaga e sofre o mistério da existência. Jamais, antes dele, na poesia brasileira, essa indagação se fizera em tal nível de urgência existencial e expressão poética."⁸⁷ Ainda, para o mesmo, a questão existencial é o que há de mais importante para o poeta do *Eu*: "Com Augusto dos Anjos penetramos aquele terreno em que a poesia é um compromisso total com a existência."⁸⁸

Entretanto, a nobre tarefa de dizer o que é o mundo e o homem em sua essência, no caso do poeta paraibano, não é algo agradável, mas, pelo contrário, caracteriza-se por ser a mais ingrata e terrível das incumbências. Em diversos momentos, ao expor a sua cosmovisão, esse "poeta filósofo"⁸⁹ diz-nos que, por ser o mensageiro-mor da verdade, ele é a mais horrenda das criaturas. Um exemplo dessa concepção está expressa nesse fragmento de *As cismas do destino*, em que faz esse auto-retrato ao falar do poeta em geral:

Poeta, feto malsão, criado com os sucos

⁸⁶ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 326.

⁸⁷ Ferreira Gullar, *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, p. 18.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 36.

⁸⁹ Denominação empregada por Elbio Spencer (em *Augusto dos Anjos num estulo incolor*, p. 183) em relação a Augusto dos Anjos.

De um leite mau, carnívoro asqueroso,
Gerado no atavismo monstruoso
Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores
Governada por átomos mesquinhos,
Teu pé mata a uberdade dos caminhos
E esteriliza os ventres geradores!⁹⁰

Outro exemplo notável dessa extremada autocrítica está presente no soneto *Noli me tangere*:

A exaltação emocional do Gozo,
O Amor, a Glória, a Ciência, a Arte e a Beleza
Servem de combustíveis à ira acesa
Das tempestades do meu ser nervoso!

Eu sou, por conseqüência, um ser monstruoso!
Em minha arca encefálica indefesa
Choram as forças más da Natureza
Sem possibilidades de repouso!

Agregados anômalos malditos
Despedaçam-se, mordem-se, dão gritos
Nas minhas camas cerebrais funéreas...

Ai! Não toqueis em minhas faces verdes,
Sob pena, homens felizes, de sofrerdes
A sensação de todas as misérias!⁹¹

Na poesia de Augusto dos Anjos, consoante à visão de Schopenhauer, o conhecimento é fonte de sofrimentos, pois quanto mais se conhece o mundo mais se percebe a predominância da dor e das

⁹⁰ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 221.

⁹¹ *Ibid.*, p. 337.

mazelas nele existentes. Assim, aquele que apreende o seu caráter eidético, a sua essência, além de ser o decifrador do mundo, é aquele que carrega o pesadíssimo fardo dessa tarefa descomunal e ingrata. O poeta paraibano, nos dois tercetos do soneto *Minha finalidade*, expressa sua tarefa de forma admirável:

Na canonização emocionante
Da dor humana, sou maior que Dante,
– A águia dos latifúndios florentinos!

Sistematizo, soluçando, o Inferno...
E trago em mim, num sincronismo eterno,
A fórmula de todos os destinos!⁹²

Ser o porta-voz da verdade universal, sistematizar “soluçando, o Inferno” da existência em nosso mundo, gera, em muitos momentos, a revolta e o inconformismo do poeta do *Eu* para consigo mesmo e para com o destino de seus semelhantes. Em relação a si próprio, são vários os adjetivos que emprega para se autodefinir de maneira negativa: “aberração”, “O Poeta do Hediondo” (título de um soneto seu), “ser monstruoso”, “coveiro do Verso”, etc. Sobre o destino dos seres, ele faz esse lamento nesse quarteto do poema *As cismas do destino*:

Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena!⁹³

⁹² Ibid., p. 333.

Mas, se, em muitos momentos, Augusto dos Anjos lamenta o destino dos seres condenados à geração e à corrupção, em outros tantos, ele descreve os suplícios dos entes utilizando o seu humor negro. Nesse já citado (ver pp. 4-5 da dissertação) sexteto de *Monólogo de uma sombra*, percebe-se uma ponta de sarcasmo na descrição da decomposição corporal:

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glutoneria hedionda, brincam,
Como as cadelas que as dentuças trincam
No espasmo fisiológico da fome.

Sobre essa contradição – de em certos momentos lamentar profundamente e em outros produzir situações risíveis acerca do destino dos entes, devido à criação de imagens sórdidas e sarcásticas –, o próprio poeta dá a resposta. Ele assume possuir um espírito contraditório, trazendo consigo “Antagonismos irreconciliáveis” (ver o soneto *Vítima do dualismo*). O fato é que desolação e humor negro⁹⁴ caminham juntas dentro da sua cosmovisão pessimista.

⁹³ Ibid., p. 218.

⁹⁴ Adiante, desenvolverei o tema do humor negro na poesia augustiana. Que, aliás, está presente de forma assaz intensa nela.

Talvez, de todas as imagens poéticas de Augusto dos Anjos, a do verme seja a mais interessante. Símbolo do expirar da vida, da podridão, da putrefação, da decomposição, o verme aparece de forma obsessiva em sua poesia. Vejamos, por exemplo, a parte final do soneto *Psicologia de um vencido*:

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!⁹⁵

O verme é aqui visto como o arqui-rival da vida, como o símbolo da inevitabilidade da morte e da destruição de todas as coisas. Ele representa a efemeridade dos entes, a decadência de tudo o que é material.

Também na obra de Cruz e Sousa o verme é utilizado como imagem poética, porém, apenas de forma esporádica. No poema *A ironia dos vermes*, que faz parte de seu livro *Faróis*, o poeta catarinense utiliza o verme para construir a visão da morte e da putrefação da musa, contudo, sem a crueza descritiva e o poder de choque “expressionista” de Augusto dos Anjos. Vejamos as quatro últimas estrofes do poema:

Como que foram feitos de luxúria
E gozo ideal teus funerais luxuosos

⁹⁵ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 203.

Para que os vermes, pouco escrupulosos,
Não te devorem com plebéia fúria.

Para que eles ao menos vendo as belas
Magnificências do teu corpo exausto
Mordam-te com cuidados e cautelas
Para o teu corpo apodrecer com fausto.

Para que possas apodrecer nas frias
Geleiras sepulcrais d' esquecimentos,
Nos mais augustos apodrecimentos,
Entre constelações e pedrarias.

Mas ah! quanta ironia atroz, funérea,
Imaginária e cândida Princesa:
És igual a uma simples camponesa
Nos apodrecimentos da Matéria!⁹⁶

Assim, embora utilize termos como “apodrecer” ou “apodrecimentos”, Cruz e Sousa emprega um vocabulário muito menos terrificante que o de Augusto dos Anjos. Além disso, não há como negar, no caso de Cruz e Sousa – talvez o maior expoente de todo o Simbolismo brasileiro –, a presença de lirismo e de uma boa dose de ternura em sua caracterização do apodrecimento da amada imaginária, enquanto que, no caso do poeta do *Eu*, geralmente não aparecem tais aspectos.

A imagem do verme possui uma importância tal dentro da poesia de Augusto dos Anjos que ele chega a chamá-lo de Deus. Cito aqui todo o soneto *O Deus-Verme*:

Fator universal do transformismo,
Filho da teleológica matéria,

⁹⁶ Cruz e Sousa, *Obra completa*, pp. 159-160.

Na superabundância ou na miséria,
Verme – é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diária ocupação funérea,
E vive em contubérnio com a bactéria,
Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrópicos, rói vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!⁹⁷

Estando “Livre das roupas do antropomorfismo” e sendo “Fator universal do transformismo”, o verme representa na poética augustiana a precariedade da existência, representa o seu caráter efêmero. É, por simbolizar a infalibilidade da morte, que o verme é retratado como divindade. E é essa infalibilidade que, conjugada ao predomínio incessante da dor no mundo, representa o aspecto trágico por excelência da condição humana na visão do poeta.

Na poética augustiana, como já abordei no capítulo anterior, toda a matéria é unida por uma essência comum, daí o monismo presente na obra do poeta. Servindo-se de uma linguagem e de um pensamento científico alicerçado em muito nas teorias de filósofos como Haeckel e Spencer, Augusto dos Anjos constrói em sua obra a visão de que a humanidade, bem como todos os outros seres, estão unidos por um

⁹⁷ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 209.

princípio circunscrito ao mundo. Portanto, tal como Schopenhauer, o poeta do *Eu* constrói uma metafísica imanente ao mundo, pois reconhece que existe uma substância (intrínseca ao mundo, mas, ao mesmo tempo, perene) que une todos os seres, sem ser, contudo, transcendente. Se, para o filósofo alemão, a essência de todos os seres é reconhecida na vontade, intrínseca a todos eles, já para o poeta paraibano, pode-se afirmar que é a dor, bem como a decomposição, a putrefação, enfim, a derrocada de tudo o que é material que constitui a essência que irmana todos os seres.

Da mesma forma que em Schopenhauer, não há espaço para Deus no ideário da obra de Augusto dos Anjos, embora o poeta chegue a falar algumas vezes n' Ele. Contudo, como já defendi no primeiro capítulo, Deus é utilizado como um símbolo de unidade e não como uma entidade metafísica que realmente exista, pois não há nada que não seja imanente ao mundo na obra do autor do *Eu*. A existência de algo que fosse transcendente viria chocar-se com as suas principais concepções, a saber, de que a dor impera soberana no mundo e de que tudo está dentro do processo de geração e corrupção. Em *Poema negro*, ele apresenta-nos a efemeridade de todos os entes ao dizer nesse sexteto:

É a Morte – esta carnívora assanhada –
Serpente má de língua envenenada
Que tudo que acha no caminho, come...
– Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro,
Sai para assassinar o mundo inteiro,

E o mundo inteiro não lhe mata a fome!⁹⁸

Da mesma forma que a dor sempre se renova, de geração em geração, também a derrocada da matéria é algo eterno, pois, como nos diz o poeta, o seu apetite é insaciável: “Sai para assassinar o mundo inteiro,/ E o mundo inteiro não lhe mata a fome!”. Não existe para o poeta, portanto, nada que esteja fora do processo de geração e corrupção, pois a morte consome “tudo que acha no caminho”.

Em Mistérios de um fósforo, último poema do *Eu*, a unidade e o destino comum de todos os seres são expostos pelo poeta que, nessas três estrofes, nos diz:

Em cismas filosóficas me perco
E vejo, como nunca outro homem viu,
Na anfigonia que me produziu
Nonilhões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero,
Migalha de albumina semifluida,
Que fez a boca mística do druida
E a língua revoltada de Lutero;

Teus gineceus prolíficos envolvem
Cinza fetal!... Basta um fósforo só
Para mostrar a incógnita do pó,
Em que todos os seres se resolvem!⁹⁹

⁹⁸ Ibid., p. 286.

⁹⁹ Ibid., p. 306.

Augusto dos Anjos mostra-nos aqui todo o absurdo e a nulidade da vida, que é para ele um “cósmico zero”. Para o poeta paraibano, como vimos, nada neste mundo é permanente. Somente a dor e a morte são perpétuas, pois vão-se renovando e se perpetuando a partir do nascimento de cada ser. E cada ser que vem ao mundo, mais cedo ou mais tarde, encontrará como destino a implacável dissolução, a transformação em “pó”, enfim, o nada.

No *Soneto* ao filho natimorto, o poeta do *Eu* reconhece uma vez mais a unidade de todos os seres e diz, utilizando o próprio filho com símbolo, que tudo caminha para o nada, para o “NÃO SER”. A partir disso, pode-se afirmar, mais uma vez, que, dentro do ideário de sua obra, não há lugar para uma entidade transcendental, ou seja, algo que esteja para além do nosso mundo. Portanto, não há lugar para um artífice, pois o princípio vital é intrínseco ao mundo e algo que fosse extrínseco converter-se-ia em uma contradição inaceitável. Cito a parte final do *Soneto*:

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na *noumenalidade* do NÃO SER!¹⁰⁰

Cantando em muitos momentos o aniquilamento e a dissolução dos seres de forma impregnada de tensão e de angústia, em que constrói uma

¹⁰⁰ Ibid., p. 207.

verdadeira “metafísica do desespero”¹⁰¹, em outros momentos, contudo, o poeta paraibano canta o destino de todos os entes de forma serena e benfazeja. É nesses momentos que Augusto dos Anjos, de forma consoante ao pensamento schopenhaueriano, defende que, pela morte, pelo encontro com o nada, os seres encontram o descanso, a paz e, por conseguinte, a felicidade. Através da morte, toda a matéria expia a culpa pela existência e paga, nos dizeres do poeta, “seu último imposto”¹⁰². O nada é glorificado pelo poeta, por exemplo, no soneto *Louvor à unidade*, em que aponta a bem-aventurança do aniquilamento e do conseqüente descanso da matéria:

“Escafandros, arpões, sondas e agulhas
“Debalde aplicas aos heterogêneos
“Fenômenos, e, há inúmeros milênios,
“Num pluralismo hediondo o olhar mergulhas!

“Une, pois, a irmanar diamantes e hulhas,
“Com essa intuição monística dos gênios,
“À hirta forma falaz do *aere perennius*
“A transitoriedade das fagulhas!”

– Era a estrangulação, sem retumbância,
Da multimilenária dissonância
Que as harmonias siderais invade...

Era, numa alta aclamação, sem gritos,

¹⁰¹ Expressão utilizada por Carlos Burlamaqui Kopke (em *Augusto dos Anjos um poeta e sua identidade*, p. 153) em relação à poesia de Augusto dos Anjos.

¹⁰² A morte e a dor são vistas em certos momentos com extremo terror e angústia pelo poeta, pois é a terrível herança que recebemos com o nascimento. Entretanto, em outros momentos, elas são vistas de forma benigna, pois a dor nos dá ciência da real face do mundo e a morte constitui-se no fim de todos os suplícios. A partir disso, é que vemos a razão de ele, em consonância com Schopenhauer, defender que a melhor saída para evitar a perpetuação dos males no mundo é procurar não propagar a vida, pois é somente na inexistência que se encontra a verdadeira felicidade.

O regresso dos átomos aflitos
Ao descanso perpétuo da Unidade!¹⁰³

No último terceto do soneto, o poeta deixa evidenciado o que já procurei defender anteriormente como sendo um postulado fundamental dentro do ideário de sua obra: o de que a vida é fonte de constantes infelicidades e suplícios e que é pela morte, pelo encontro com o nada, que todos os seres se livram de suas mazelas e encontram a paz definitiva no “descanso perpétuo da Unidade”.

Recorro, neste momento, uma vez mais à citação de um fragmento de *Mistérios de um fósforo*, sem dúvida, um dos poemas-chave do *Eu* e que penso não ter sido posto gratuitamente por Augusto dos Anjos para fechar o seu livro. Fecha com chave de ouro. No fragmento que irei citar, consoante ao final de *Louvor à unidade*, a morte é vista como um descanso depois das terribilíssimas experiências a qual a matéria está sujeita durante a vida. Conseqüentemente, a morte é vista mais uma vez de forma assaz benigna e o nada é, uma vez mais, glorificado:

Depois, é o céu abscôndito do Nada,
É este ato extraordinário de morrer
Que há de, na última hebdômada, atender
Ao pedido da célula cansada!¹⁰⁴

¹⁰³ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 313.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 305.

Feitas estas considerações temáticas acerca da poesia de Augusto dos Anjos – que apontam para a existência de uma série de afinidades entre ele e Schopenhauer –, faz-se mister, a partir de agora, trabalhar um outro aspecto da poesia augustiana, a saber, o do seu estilo, ou como nos diz Cavalcanti Proença, o do seu “artesanato”.

Dentro do aspecto formal, a poesia de Augusto dos Anjos possui pontos em que pode ser considerada tradicional e outros em que foge do aspecto tradicional. Ela é tradicional ao utilizar a rima, o soneto (a maior parte dos poemas augustianos são sonetos), estrofes estruturadas em quartetos ou sextetos. Contudo, ela mostra-se inovadora, por exemplo, na original estruturação dos decassílabos. Eis como isso é expresso por Cavalcanti Proença:

O ritmo é dos mais característicos. O uso de átonas sucessivas, além dos limites por assim dizer fisiológicos de articulação dos vocábulos, deu-lhe essa capacidade de estruturar decassílabos apenas com dois substantivos, como em “A sucessividade dos segundos” ou com duas palavras como “Misericordiosíssimo carneiro”.¹⁰⁵

Augusto dos Anjos afasta-se também da tradição ao empregar (apesar do uso da rima) a dissonância em sua poesia. Esta é produzida por ele, muitas vezes, pela conjunção de alguns fatores, tais como: a mescla do léxico prosaico e científico; o uso de rimas que fogem dos padrões convencionais; o ritmo vertiginoso de muitos de seus versos, etc.

¹⁰⁵ Cavalcanti Proença, *O artesanato em Augusto dos Anjos*, p. 243.

Fazendo um paralelo entre poesia e música, pode-se dizer que Augusto dos Anjos não abandona o universo tonal ao empregar recursos tradicionais em sua poesia. Contudo, tal como Gustav Mahler e Arnold Schoenberg¹⁰⁶ que foram compositores tonais, faz como estes uso da dissonância em sua poesia. O nome de Richard Wagner, que com seu *Tristão e Isolda* (1859) chegou aos limites do sistema tonal, também merece ser lembrado neste momento. Aliás, o poeta paraibano refere-se a Wagner por duas vezes em sua obra. Uma, no poema *Numa forja*, e outra, no soneto *O canto dos presos*. Isso demonstra que ele pelo menos conhecia a música “dissonante” de Wagner. Vale a pena citar esse excerto de *O canto dos presos*:

No wagnerismo desses sons confusos,
Em que o Mal se engrandece e o Ódio se exalta,
Uiva, à luz de fantástica ribalta,
A ignomínia de todos os abusos!¹⁰⁷

A utilização de dissonâncias além do que era habitual, explica, em parte, a cautela e mesmo o desprezo com que foram recebidas as obras de Mahler e Schoenberg pela maioria da crítica musical e a de Augusto dos Anjos por grande parte da crítica literária brasileira. J. Jota de Moraes cita, por exemplo, essa crítica assaz ferina a uma obra do período tonal de Schoenberg, feita por Ludwig Karpath, em 1905: “O poema sinfônico de

¹⁰⁶ Na sua primeira fase de produção, dita tonal.

¹⁰⁷ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 338.

Schoenberg, *Pelleas und Melisande*, não é apenas cheio de dissonâncias (notas erradas) no sentido de *Don Quixote*, de Strauss: é uma protéica dissonância de cinquenta minutos de duração¹⁰⁸. Em relação ao poeta do *Eu*, é muito citado o episódio do desdém com que Olavo Bilac se referiu a ele ao ouvir um de seus sonetos (*Versos a um coveiro*): “Era este o poeta? Ah, então, fez bem em morrer. Não se perdeu grande coisa.”¹⁰⁹ Os versos pouco ortodoxos de Augusto dos Anjos, que não respeitam muitos dos cânones poéticos tradicionais, quer seja no caso, entre outros, da métrica, quer no da rima, devem, sem dúvida, ter ferido os ouvidos conservadores de Bilac, como também os de outros tantos literatos.

Para os poetas e críticos de postura mais tradicionalista, que eram maioria no começo do século, a obra de Augusto dos Anjos (de forma análoga ao caso de Schoenberg no campo musical) sempre foi vista com reservas no que tange ao aspecto formal. O vocabulário científico, considerado “apoético” e “exdrúxulo” por uns, bem como as rimas inovadoras, assustaram e provocaram a censura de muitos dos seus primeiros críticos. Osório Duque Estrada, por exemplo, foi extremamente duro em relação ao léxico do poeta paraibano: “eis o que nos revela esse extravagante volume de versos, em que não poucas pérolas se misturam com o grosso cascalho dos exotismos estapafúrdios...”¹¹⁰ Até mesmo um

¹⁰⁸ Citado por J. Jota de Moraes, *Música da modernidade: origens da música do nosso tempo*, p. 73.

¹⁰⁹ Citado por Francisco de Assis Barbosa, *Notas biográficas*, p. 68.

¹¹⁰ Citado por Lucia Helena, *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*, p. 21.

crítico como Antônio Torres¹¹¹ (que em 1914 só conhecia o *Eu*, pois as *Outras poesias* só saíam na segunda edição, de 1920), que faz a apologia da obra de Augusto dos Anjos no campo das idéias, diz-nos que ela contém “imperfeições”: “Concluamos. O que Augusto dos Anjos deixou publicado é imperfeito e pouco. Entretanto, é preciso reconhecer que há, no meio de todas as imperfeições da sua obra, extraordinárias belezas.”¹¹² Embora não seja explícito, o crítico deixa entender que as imperfeições estão presentes no campo formal de sua poesia. Mesmo para um poeta e crítico do porte de Manuel Bandeira¹¹³, a poesia de Augusto dos Anjos possui imperfeições formais: “Augusto dos Anjos morreu aos trinta anos. Não creio, porém, que, se vivesse mais, atenuasse as arestas de sua expressão formal.”¹¹⁴

Entretanto, o que muitos críticos viram como imperfeição formal, tanto na poética augustiana, como também na música schoenberguiana, pode ser visto, paradoxalmente, como elogio. Tivessem recebido, em relação ao aspecto formal, os louros dessa crítica das primeiras décadas do século, presa ainda a certos padrões estéticos do século XIX, teriam sido, com certeza, muito menos inovadores do que o foram. Em verdade, a música de Schoenberg começou a se consolidar somente após a Segunda

¹¹¹ De *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1914.

¹¹² Antônio Torres, *O poeta da morte*, p. 59.

¹¹³ De *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1ª ed., 1944.

¹¹⁴ Manuel Bandeira, *Augusto dos Anjos*, p. 116.

Guerra Mundial¹¹⁵, quando a música dodecafônica ou serialista, criada por ele, encontrou a acolhida de outros músicos e passou a ser enaltecida pela crítica. Já em relação à poesia de Augusto dos Anjos, só após o advento da “nova crítica” no Brasil, em fins dos anos 40, é que sua obra passou a ser analisada por uma crítica verdadeiramente estética (em oposição a anterior, extremamente genealógica e impressionista), que começou a perceber e apontar, de forma mais nítida, a riqueza de sua obra de maneira integral.¹¹⁶

Se Schoenberg viveu para ver, pelo menos parcialmente, a vitória dos modernos sobre os conservadores no terreno musical (coisa que Mahler não viu, pois morreu em 1911), Augusto dos Anjos não teve a mesma sorte no campo literário brasileiro. Tendo falecido em 1914, portanto, oito anos antes do advento do Modernismo no Brasil, produziu toda sua obra dentro de um ambiente conservador. Entretanto, sua obra “dissonante” ainda hoje soa-nos moderna. Tanto Mahler como Augusto dos Anjos, por suas inovações, foram pioneiros, respectivamente, da música

¹¹⁵ Entretanto, quando da morte de Schoenberg, em 1951, o compositor francês Pierre Boulez tenha declarado com todas as letras: “Schoenberg está morto” (Citado por J. Jota de Moraes, *Música da modernidade: origens da música do nosso tempo*, p. 72). Com isso ele quis dizer que a música de Schoenberg não serviria de modelo para a nova geração, pois ele não teria sido tão radical e inovador. Com o tempo, Boulez mudou de opinião e gravou várias obras do compositor austríaco. A crítica, na sua maioria, aponta Schoenberg, Webern e Stravinsky como os compositores que mais deixaram marcas na música de nosso tempo.

¹¹⁶ Já nos anos 50, surgiram, por exemplo, os excelentes textos críticos de Andrade Murici (*Augusto dos Anjos e o Simbolismo* – 1952), Cavalcanti Proença (*O artesanato em Augusto dos Anjos* – 1955) e José Escobar Faria (*A poesia científica de Augusto dos Anjos* – 1956) sobre o poeta do *Eu*.

moderna e da poesia moderna brasileira¹¹⁷. Contudo, ambos não tiveram a sorte de viver para ver os frutos de seu pioneirismo.

A existência, na poesia de Augusto dos Anjos, do que eu chamo de dissonâncias, se dá, por exemplo, na mescla de palavras científicas e prosaicas. As passagens onde isso ocorre são inúmeras. Eis aqui um exemplo clássico no soneto *Budismo moderno*:

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contato dê bronca destra forte!¹¹⁸

Assim, na mesma estrofe temos a expressão prosaica “Ah! Um urubu pousou na minha sorte!” antecedendo termos científicos como “diatomáceas” e “criptógama”. A utilização de palavras incomuns, muitas das quais jamais empregadas anteriormente por outro poeta, por serem, principalmente, consideradas “apoéticas”, “exóticas”, “estapafúrdias”, “exdrúxulas”... reforçam esta idéia de dissonância na poesia de Augusto dos Anjos. Essas palavras, na maioria das vezes, não possuem a função de mero adorno, pois isso acarretaria um brilhantismo superficial, mas têm a função de ser, além de um instrumento de expressão do ideário de sua

¹¹⁷ Embora nem toda a crítica assim a considere, a poesia augustiana para um grande contingente de críticos é considerada como sendo precursora e pioneira da poesia moderna no Brasil. Podem ser citados vários críticos que assim a caracterizam: Ferreira Gullar, Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, José Escobar Faria, Anatol Rosenfeld, etc.

¹¹⁸ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 224.

poesia, algo capaz de criar um clímax ou uma atmosfera de tensões em consonância com o conteúdo dessa poesia.

Essas características acima apontadas podem suscitar aproximações entre Augusto dos Anjos e a estética expressionista. Principalmente no que tange à poesia e à música expressionista, podem-se fazer interessantes paralelos com a obra do poeta do *Eu*. Esse paralelo já foi explorado por críticos como Anatol Rosenfeld¹¹⁹, que aproxima a poesia de Augusto dos Anjos às de Georg Trakl, Georg Heym e Gottfried Benn, principalmente com a deste último. Tal qual na poesia de Benn, na do poeta paraibano, há inúmeros exemplos de termos ou expressões que dão à ela uma atmosfera lúgubre, um aspecto dissonante, enfim, o *status* de poesia “cemiterial”¹²⁰. No caso da poesia de Gottfried Benn, isso fica evidente, por exemplo, nesse fragmento de *A bela juventude* (tradução de José Paulo Paes):

A boca da moça que longo tempo jazera em meio aos juncos
estava toda roída.
Quando lhe abriram o peito, o esôfago era só buracos.
Acabaram achando numa arcada abaixo do diafragma
um ninho de ratos novos.¹²¹

Também em Augusto dos Anjos podem-se observar exemplos dessas características, como no terceiro *Soneto* dedicado ao seu Pai:

¹¹⁹ No artigo *A recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos*, publicado no Anuário de Literatura número 5, UFSC (1997), eu abordo a visão desse crítico em relação a tal paralelo.

¹²⁰ Termo utilizado por José Paulo Paes em seu artigo *Uma microscopia do monstruoso*, p. 77, para caracterizar a poesia augustiana.

¹²¹ In José Paulo Paes, *Gaveta de tradutor*, p. 93.

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Microorganismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roida toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!¹²²

O gosto pelas descrições dos corpos em putrefação, tanto no caso da poesia do alemão, como na do brasileiro, ocorrem de modo freqüente. A linguagem científica, conjugada com inúmeros termos mórbidos, torna tais descrições por demais terrificantes. Há ainda, em ambas as obras, um desapego aos recursos tradicionais de metrificacão e de rimas¹²³. Tudo isso, somado, aponta para a existência abundante de dissonâncias nas obras de Augusto dos Anjos e Gottfried Benn.

Em relação ao paralelo com a música expressionista, é interessante apresentar a asserção de Cavalcanti Proença, em que ele defende a tese da musicalidade como característica marcante da poesia de Augusto dos

¹²² Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 270.

¹²³ Veremos adiante, que, no caso da poesia augustiana, as rimas utilizadas pelo poeta são muitas vezes consideradas imperfeitas pelos padrões estéticos tradicionais.

Anjos: “Poeta auditivo, muito auditivo, utilizou de modo virtuosístico as combinações vocálicas, as sucessões de consonâncias iguais ou homorgânicas, uniformes ou variadamente opostas em simetria.”¹²⁴ Ou ainda: “Um exame mais atento mostrará, entretanto, maior complexidade na disposição de sáficos e heróicos; a simetria é, apenas, das grandes unidades métricas, comparável à de compassos musicais.”¹²⁵

Na visão de um crítico como José Escobar Faria¹²⁶, a poesia de Augusto dos Anjos é inovadora também no aspecto formal: “Foi também um precursor de certas construções formais em tudo alheias a seu tempo. Usou dos metros com liberdade, metrificando sem sacrificar a emoção e o tema.”¹²⁷ José Escobar Faria diz-nos também, que a poesia augustiana é rica em rimas consideradas imperfeitas pelos mais conservadores, o que de certa forma aponta-nos que a dissonância parece ser uma característica muito presente na sua obra. Ora, é essa uma característica também presente de forma assaz intensa tanto na música como na poesia expressionista. Roger Cardinal parece defender esta tese, aqui especificamente em relação à poesia, ao dizer: “Em suas últimas conseqüências, o poema expressionista não aspira à condição de música, mas à condição da mais veemente das expressões orais: o grito.”¹²⁸ Pode-se fazer a seguinte interpretação desse comentário: o poema expressionista “não aspira à condição de música” melodiosa, equilibrada, sem grandes

¹²⁴ Cavalcanti Proença, *O artesanato em Augusto dos Anjos*, p. 243.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 264.

¹²⁶ *De Revista do Livro*, Rio de Janeiro, I/ 1-2, jun. 1956.

¹²⁷ José Escobar Faria, *A poesia científica de Augusto dos Anjos*, p. 146.

— tensões, mas aspira sim (“com o grito”) à condição de música dissonante, “atonal”, impregnada de tensão.

Na verdade, tanto na estética expressionista, como na poesia augustiana, a presença da dissonância faz-se necessária para que exista sintonia com o ideário destas. Ou seja, se o mundo é dominado pela desarmonia e pelo sofrimento e é isso que é exposto por esses artistas, nada mais coerente do que utilizar a dissonância para apresentar isso. Penso que cabe muito bem, neste momento, o comentário de Otto Maria Carpeaux, presente na sua *Uma nova história da música*, em que, citando Theodor Adorno, fala da música de Arnold Schoenberg e que também, de alguma forma, serve para caracterizar a obra de Augusto dos Anjos:

Schoenberg, como artista, não foi associal, em posição hostil ao mundo; o mundo foi hostil a ele porque não suporta ouvir, na sua música, as desarmonias gritantes da nossa época; Schoenberg teria assumido a tarefa ingrata de dizer a verdade, que sempre é dura, para expiar a mentira da arte acadêmica e os crimes que esta esconde sob o manto da pseudobeza; a música de Schoenberg *tollit peccata mundi*.¹²⁹

A obra de Augusto dos Anjos, tal qual a de Schoenberg, surge em um período em que na Europa a arte acadêmica sofre grande derrocada e em que surgem as vanguardas artísticas. Embora, como já disse anteriormente, a poesia augustiana possua ainda algumas características acadêmicas, ela rompe em muitos aspectos com a poesia tradicional. Mas,

¹²⁸ Roger Cardinal, *O expressionismo*, p. 33.

se, na Europa, os movimentos de vanguarda surgiram e transformaram o mundo artístico nas duas primeiras décadas do século XX (a época da produção da obra do poeta paraibano), a realidade brasileira era bem diferente. Era o tempo da “belle époque” e ainda dominava o país uma literatura extremamente acadêmica – que demonstrava ojeriza em relação às que não seguissem os antigos e consolidados padrões estéticos – e, muitas vezes, um tanto frívola. Sobre isso nos fala Gentil de Faria:

O escritor funciona nessa “belle époque” como um verdadeiro jogral da sociedade, destacando-se pelo pitoresco, e, por vezes, pelo anedótico (...) Fruto desse ambiente cultural, Afrânio Peixoto, chega a conceber a literatura como o “sorriso da sociedade.”¹³⁰

De modo análogo, Otto Maria Carpeaux caracteriza esse período como extremamente pobre, quando a superficialidade, o academicismo e o epigonismo constituíram-se em características majoritárias. Daí sua conclusão impiedosa: “Foi uma época de eclipse do sol, de trevas ao meio-dia.”¹³¹ Somente com a eclosão da “Semana de 22”, com o estabelecimento da estética modernista no Brasil, é que a nossa literatura passou a viver melhores dias. Entretanto, para o crítico austríaco-brasileiro, Augusto dos Anjos foi das poucas luzes que iluminaram esse período de “trevas”. Possuidora de alguns traços de sua época (como já foi dito aqui), para Otto Maria Carpeaux a poesia de Augusto dos Anjos aponta para o futuro e

¹²⁹ Otto Maria Carpeaux, *Uma nova história da música*, p. 381.

¹³⁰ Gentil de Faria, *A presença de Oscar Wilde na belle époque literária brasileira*, p. 74.

prelucida a poesia de Carlos Drummond de Andrade e de João Cabral de Melo Neto – ele comenta essa aproximação feita por Ferreira Gullar, em *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, concordando com ela.

Augusto dos Anjos rompe com o academicismo, ao expressar, a exemplo de outros autores em épocas anteriores, o feio em sua poesia. Para José Escobar Faria, a obra do poeta paraibano confere ao feio o *status* de valor estético preponderante:

“Existem determinados momentos estéticos em que o feio pode manifestar-se” – são palavras de Dilthey na sua *Poética*, e podemos crer sem dúvida que a poesia de Augusto dos Anjos se ajustou definitivamente ao conceito. Reserva-se o sublime às obras monumentais, a *Divina Comédia*, o *Fausto*, o *Hamlet* e outras, onde o feio e o terrível se ajustam para a eclosão da obra maior (...) É legítimo, pois, que uma poesia como a de Augusto dos Anjos, não obstante marginal a seu tempo e bastante arrojada na forma, na construção e na temática, possa oferecer aspectos hediondos e sombrios ao leitor, porquanto as palavras que ali se acham, escabrosas e chocantes, não fariam por si só o poema, senão o toque mágico de sua ficção. E isto o poeta o conseguiu: aquele foco de eletrização emocional, sem o que toda e qualquer obra poética se perde na arbitrária junção de vocábulos.¹³²

Como já disse, o feio pode ser encontrado na obra de artistas anteriores a Augusto dos Anjos. Na pintura de Bosch e Goya, ou na poesia de Baudelaire, entre outros, o feio aparece de forma marcante. No celeberrimo poema *Une charogne*, Baudelaire, através de uma imagem

¹³¹ Otto Maria Carpeaux, *Apresentação*, p. 11.

¹³² José Escobar Faria, *A poesia científica de Augusto dos Anjos*, pp. 141-142.

repugnante, concede ao feio o *status* de valor estético principal, como nesse excerto:

*Rappelez-vous l'objet que nous vîmes, mon âme,
Ce beau matin d'été si doux:
Au détour d'un sentier, une charogne infâme
Sur un lit semé de cailloux,*

*Les jambes en l'air, comme une femme lubrique,
Brûlante et suant les poisons,
Ouvrait d'une façon nonchalante et cynique
Son ventre plein d'exhalaisons.*¹³³

Entretanto, se o feio foi manifesto, na obra de certos artistas, nas mais diferentes épocas, nunca o foi de maneira tão intensa e sistemática como no começo do século XX, na obra de diversos artistas vanguardistas. Tanto na obra de Augusto dos Anjos, como na de artistas de movimentos como o Expressionismo e o Cubismo, o feio é expresso continuamente através de visões impregnadas de terror, sendo que estas são apresentadas de forma deformada, ou grotesca, ou dissonante. Se, em Baudelaire, o feio ainda se veste de clássico e, em Bosch, de místico, em muitos desses vanguardistas do começo do século, como também em Augusto dos Anjos, o feio parece se despir, pois é expresso de forma mais crua e chocante.

Tal como Schopenhauer com sua filosofia no século XIX e, mais tarde, com os expressionistas (contemporâneos do poeta), a poesia de Augusto dos Anjos canta um mundo em constante degradação, em que a

¹³³ Charles Baudelaire, *Les fleurs du mal*, p. 52.

morte e o suplício humano constituem a regra e a alegria é apenas algo efêmero e ilusório. O mundo em crise é o *leitmotiv* que perpassa a obra de todos eles. Por isso, nada mais natural e coerente que tanto os expressionistas como o poeta paraibano busquem formas novas de expressar seu ideário, sendo que a dissonância e o feio, por essa razão, aparecem de forma freqüente.

À dissonância, várias vezes aqui mencionada, pode-se juntar outros traços, como o grotesco e a morbidez, traços estes que podem ser aglutinados dentro do conceito de dissonância. Tanto a poesia de um Georg Heym e de um Gottfried Benn, como a de Augusto dos Anjos, estão povoadas por uma infinidade de adjetivos, substantivos e verbos que possuem o poder de criar atmosferas de tensão e terror, pois são assaz mórbidos. Vejamos um exemplo disso nesse poema de Benn, intitulado *Homem e mulher passam pelo pavilhão de cancerosos* (tradução de Nelson Ascher):

O homem:
A fila aqui são ventres podres
E aquela, peitos podres. Cama fede junto
A cama. As enfermeiras trocam de hora em hora.

Vêm, ergue devagar esta coberta.
Olha: esta massa gorda com humores podres
Já foi querida outrora por um homem,
Era seu êxtase e seu lar.

Vêm, olha as chagas neste peito. Notas
O rosário de nós pequenos, moles?
Apalpa. A carne é mole e nada sente.

Esta outra sangra como de trinta corpos.
Ninguém tem tanto sangue.
Tiveram que cortar,
Daquele ventre canceroso uma criança.

Que durmam. Dia e noite. – Diz-se aos novos:
O sóno aqui faz bem. – Mas aos domingos
Deixam-nos acordar, para as visitas.

Comem um pouco. Suas costas cobrem-se
De chagas. Olha as moscas. A enfermeira,
Às vezes, lava-os. Como se lavasse um banco.

A cova aqui já ronda cada cama.
A carne desce à lama. A chama some.
A seiva se derrama. A terra chama.¹³⁴

Nesse poema, Benn mostra-nos a face miserável e hedionda da vida, mostra-nos o quão efêmera é a existência. Ele emprega termos mórbidos ou que constróem uma idéia mórbida muito utilizados no léxico augustiano, tais como: “podres”, “fede”, “chagas”, “moscas”, “lama”, etc. Além disso utiliza, como também o fazem muitas vezes Trakl e Augusto dos Anjos, o método descritivo, empregando, tal qual este último, muita crueza e dureza na descrição.

Quanto a temática da poesia de Benn, Otto Maria Carpeaux afirmou o seguinte:

A mentalidade de Benn é especificamente científica e sua especialidade científica é a Biologia. A criatura humana, para Benn, é um pedaço complexo de ossos, vasos, músculos e nervos, de funcionamento bastante precário.¹³⁵

¹³⁴ In Nelson Ascher, *Poesia alheia: 124 poemas traduzidos*, pp. 279 e 281.

¹³⁵ Otto Maria Carpeaux, *A literatura alemã*, pp. 249-250.

Além disso, como vimos, Benn descreve a miséria humana utilizando também uma linguagem que evoca o choque e o horror, em que abundam termos terrificantes.

Augusto dos Anjos não fica atrás e, por exemplo, nesse excerto do poema *Os doentes*, descreve, de forma chocante, prostitutas atingidas por terríveis moléstias:

Mas, para além, entre oscilantes chamas,
Acordavam os bairros da luxúria...
As prostitutas, doentes de hematúria,
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço,
Quase que escangalhada pelo vício,
Cheirava com prazer no sacrifício
A lepra má que lhe roía o braço!¹³⁶

Há, em diversos momentos, na poesia de Augusto dos Anjos, uma interessante mescla de terror e de humor negro. A desventura de vários personagens da sua poesia (prostitutas, tísicos, lázaros, muitas vezes, a própria humanidade) é em muitos momentos cantada com uma ponta de sarcasmo. Eis um exemplo em *Monólogo de uma sombra*, de uma visão macabra em que se pode notar a presença de humor negro:

É uma trágica festa emocionante!

¹³⁶ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 243.

A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham
No cadáver malsão, fazendo um s.¹³⁷

Augusto dos Anjos faz aqui a descrição de um corpo que apodrece usando a sua já mencionada e conhecida morbidez. Como ocorre de costume em sua poesia, nesse sexteto o horror é um traço presente de forma intensa. Entretanto, nos últimos dois versos, o poeta conjuga horror com humor negro, criando dissonâncias de forma muito criativa e interessante: “Vendo as larvas malignas que se embrulham/ No cadáver malsão, fazendo um s.” Além de fugir do tradicional ao rimar este magnífico “s”, do sexto verso, com o “apodrece” do terceiro (rima “imperfeita”), emprega esta consoante para criar uma imagem ao mesmo tempo grotesca e de extraordinário humor negro. Para os mais conservadores, sem dúvida, temos aqui um exemplo do extravagante “mau gosto” do poeta. Contudo, podemos ver aqui um feliz exemplo da modernidade e do pioneirismo de sua poesia, que a crítica da primeira metade do século geralmente não viu ou não estava preparada para ver.

Outro exemplo notável de humor negro augustiano é essa visão contida no soneto *Solilóquio de um visionário*, em que aparece uma metáfora grotesca:

¹³⁷ Ibid., p. 197.

Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!¹³⁸

Nesse quarteto, Augusto dos Anjos apresenta mais uma vez o seu humor negro através da autofágica expressão do terceiro verso: “Comi meus olhos crus no cemitério”. Expressão que, pelo absurdo de sua proposta, suscita a presença do incoerente na sua poesia. O poeta, ao mesmo tempo que emprega inúmeras vezes em sua obra o método descritivo naturalista, alia a este aspecto a metáfora, a deformação e a exploração do incoerente, vastamente presente nas produções dos artistas expressionistas, de forma a criar uma constante atmosfera de choque, de verdadeira eletrização emocional. Dessa forma, abre caminho para nos mostrar, em toda a sua essência, a desintegração e o absurdo do mundo, do qual é a testemunha especial.

O humor negro é uma característica também presente em alguns artistas expressionistas. Isto ocorre, por exemplo, na poesia de um Jakob van Hoddis, onde existem imagens povoadas pelo incoerente e pelo absurdo (característica também encontrada em Augusto dos Anjos, como vimos no parágrafo anterior). Esse fragmento de *O crepúsculo* possui tais características:

Um poeta louro talvez enlouqueça
Um pequeno cavalo tropeça na distinta dama

¹³⁸ Ibid., p. 232.

Um homem gorducho está colado na janela.¹³⁹

Também naquela que é, além de uma das maiores obras da música expressionista, uma das mais importantes do nosso século, a saber, o *Pierrot Lunaire*, de Arnold Schoenberg, o humor negro é uma característica presente. Escrita e estreada em 1912 (mesmo ano da publicação do *Eu*, de Augusto dos Anjos), é um ciclo de canções a partir de 21 poemas do simbolista belga Albert Giraud, vertidos para o alemão por Otto Erich Hartleben. Ela é destinada a um pequeno conjunto de músicos (de 6 a 8, encarregados dos seguintes instrumentos: piano, flauta, flautim, clarineta, clarineta baixo, violino, viola, violoncelo) e uma recitante. Esta última fica incumbida de fazer o *Sprechgesang*, ou seja, o “canto-falado”, uma das grandes invenções do compositor austríaco. Música que já foi classificada como “cacofônica”, *Pierrot Lunaire* é uma obra da fase atonal de Schoenberg, a segunda de sua produção. Tal como na poesia de Augusto dos Anjos, essa obra do compositor expressionista é marcada pela desolação, pela degradação e, em muitos momentos, pela sordidez, pela loucura, pelo humor negro. Em suma, em ambos os casos pinta-se o mundo como algo moribundo. Essa característica é exposta em várias das canções do *Pierrot Lunaire*, tais como: *Valse de Chopin*, *Madonna*, *Nacht* (“Noite”), *Rote messe* (“Missa vermelha”), etc. Vale a pena citar *Valse de*

¹³⁹ Citado por Roger Cardinal, *O expressionismo*, p. 45.

Chopin (em tradução de Augusto de Campos), a quinta do ciclo, em que a recitante canta:

Como o sangue a gotejar
Tinge os lábios de um doente,
Também tomba destes timbres
Um mortífero torpor.

Um a um, os sons ressoam
No gelado pesadelo
Como o sangue a gotejar
Tinge os lábios de um doente.

Torturante, doce e doida,
Melancólica é a valsa
Que se infiltra nos sentidos
E retine na lembrança
Como o sangue a gotejar.¹⁴⁰

Já, por exemplo, em *Gemeinheit!* (“Atrocidade!”) e *Serenade* (“Serenata”), entre outras, o humor negro faz-se presente de forma mais explícita. A primeira dessas, uma das canções mais dissonantes de toda a obra, contém um texto ao mesmo tempo brutal e sarcástico:

Na cabeça de Cassandro,
Cujos gritos soam alto,
Faz Pierrô com ares sonsos,
Ágil – um buraco fundo!

Depois preme com o dedo
O seu fino fumo turco
Na cabeça de Cassandro,
Cujos gritos soam alto!

¹⁴⁰ In Augusto de Campos, *Música de invenção*, p. 53.

Um canudo de cachimbo
Mete nesse crânio calvo
E, sorrindo, sopra e puxa
O seu fino fumo turco
Na cabeça de Cassandro!¹⁴¹

Esse paralelo entre a obra de alguns artistas expressionistas e a de Augusto dos Anjos mostra-se relevante na medida em que parecem diagnosticar uma visão similar de mundo (em consonância também, como procurei mostrar no primeiro capítulo, com a visão de mundo contida na obra de Arthur Schopenhauer¹⁴²), ou seja, a de um mundo em crise, a de um mundo doente. E, como disse anteriormente, o emprego da dissonância mostra-se como sendo também uma característica comum entre eles. É isso que também parece defender Anatol Rosenfeld ao dizer da poesia do paraibano (comparando-a à poesia expressionista): “Da mesma forma como as palavras, o mundo de Augusto dos Anjos é, por assim dizer, na sua essência, proparoxítono, exdrúxulo, dissonante.”¹⁴³

Para Anatol Rosenfeld, não só uma nova visão de mundo é apresentada pelos artistas expressionistas e por Augusto dos Anjos – alicerçadas, me parece, em muito na filosofia de Schopenhauer – mas, também (o que está de acordo com o que disse anteriormente), uma nova

¹⁴¹ Ibid., p. 64.

¹⁴² Para o crítico Roger Cardinal (*O expressionismo*, p. 12), Schopenhauer, juntamente com outros escritores do século XIX, como Nietzsche e Dostoiévsky, foi um dos precursores do Expressionismo. Neste capítulo, a aproximação entre Schopenhauer e Augusto dos Anjos está sendo feita principalmente via Expressionismo.

¹⁴³ Anatol Rosenfeld, *A costela de prata de A. dos Anjos*, p. 187.

forma de exprimir esta visão é posta em prática por esses artistas. Diz-nos

Anatol Rosenfeld:

Não só o ser humano, também a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia. Surge, ao lado da montagem do termo técnico no contexto da língua tradicional – a dissociação pelo lingüisticamente heterogêneo – uma metafórica grotesca, “marinista”, que opera com o incoerente.¹⁴⁴

Nesses dois comentários de Anatol Rosenfeld várias das teses que estou aqui defendendo encontram suporte. Mostra-se relevante apresentá-las: primeiramente, a consonância entre forma e conteúdo em sua poesia (“Da mesma forma como as palavras, o mundo de Augusto dos Anjos é...”), assim, tanto o mundo descrito por Augusto dos Anjos como a forma de descrevê-lo está impregnado de dissonâncias; o crítico defende também a originalidade e o pioneirismo da poesia de Augusto dos Anjos (“... a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia.”), que estou da mesma forma procurando defender neste trabalho; por fim, outro ponto em que também convirjo com Anatol Rosenfeld é o da presença da metáfora grotesca e do emprego do incoerente, do absurdo, na poesia do paraibano.

Em Augusto dos Anjos, inúmeros são os exemplos em que, o aniquilamento, a dissolução, a decomposição do homem, bem como de tudo o que é material, são expressos de forma que também a “palavra”

¹⁴⁴ Ibid., p. 187.

(“tradicional”), como diz Anatol Rosenfeld, parece desintegrar-se. Eis um exemplo disso nesse excerto de *Os doentes*:

Os evolucionismos benfeitores
Que por entre os cadáveres caminham,
Iguais a irmãs de caridade, vinham
Com a podridão dar de comer às flores!

Os defuntos então me ofereciam
Com as articulações das mãos inermes,
Num prato de hospital, cheio de vermes,
Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite
(Muito embora contra isto a alma se irrite)
A cevar o antropófago apetite,
Comendo carne humana, à meia-noite!¹⁴⁵

Nesses três quartetos, deveras lúgubres e grotescos, não só o conteúdo é terrificante, mas também a forma de expressão é por demais sombria. Aqui temos um exemplo de como tanto “a palavra” como “a metáfora tradicionais desintegram-se”, diante da original e moderna poesia augustiana. Encontramos, nesse exemplo, um vocabulário que parece desintegrar não só o mundo, mas também a própria linguagem tradicional: “cadáveres”, “podridão”, “defuntos”, “inermes”, “vermes”...

Ainda mais esclarecedor talvez seja esse fragmento de *Tristezas de um quarto minguante*:

Aumentam-se-me então os grandes medos.

¹⁴⁵ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, pp. 246-247.

O hemisfério lunar se ergue e se abaixa
Num desenvolvimento de borracha,
Variando à ação mecânica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho.
Morde-me os nervos o desejo doudo
De dissolver-me, de enterrar-me todo
Naquele semicírculo medonho!¹⁴⁶

A atmosfera onírica ou de pesadelo, no qual está imerso todo o estupendo poema, encontra ressonância na desarmonia de alguns termos (aparece inclusive um “dissolver-me”) . A este aspecto se soma a possível dissonância engendrada pelas rimas “imperfeitas” (ver a página 68 da dissertação, em que faço referência ao que José Escobar Faria nos diz sobre isso) das duas estrofes citadas: “abaixa” com “borracha”, na primeira, e “doudo” com “todo”, na segunda.

Muitas vezes, as dissonâncias na poesia augustiana são produzidas pelo ritmo vertiginoso de seus versos. Quando lemos versos como estes, de *Monólogo de uma sombra*, a vertigem parece acometer o leitor, que se vê diante de versos marcados pelo ritmo frenético e duro:

Estoutro agora é o sátiro peralta
Que o sensualismo sodomista exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...
Como que, em suas células vilíssimas,
Há estratificações requintadíssimas
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbedas o beijam.
Suas artérias hírcicas latejam,

¹⁴⁶ Ibid., p. 300.

Sentindo o odor das carnações abstêmias,
E à noite, vai gozar, ébrio de vício,
No sombrio bazar do meretrício,
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.¹⁴⁷

O poeta nos mostra a excursão de um “sátiro peralta” pelos locais de exaltação dos vícios e do instinto, até a sua chegada “à noite (...) No sombrio bazar do meretrício”. Tal como o ébrio sátiro, estes dois sextetos parecem percorrer uma jornada tortuosa e alucinante. O ritmo é, realmente, vertiginoso¹⁴⁸.

A dissonância produzida dentro da poesia augustiana é efeito também da “aspereza” de muitos de seus versos, que tenderam e ainda hoje tendem à causar espanto e aversão nos literatos de índole mais tradicionalista. Por outro lado, Wilson Castelo Branco¹⁴⁹, fazendo referência a um comentário de Órris Soares, afirmou-nos o seguinte acerca dos versos augustianos: “... seus versos ásperos tendiam antes para a harmonia que para os efeitos fáceis da melodia, ganhando amplitudes de orquestração e ressonâncias que impressionam, incomodam e perduram.”¹⁵⁰ Essa “aspereza”, essa falta de “melodia” não seria uma das causas principais da condenação do poeta por boa parte da crítica?

¹⁴⁷ Ibid., p. 197.

¹⁴⁸ Digno de nota é o primeiro verso do segundo sexteto “Branças bacantes bêbedas o beijam”, em que a ênfase em palavras que iniciam com a consoante *b* (quatro!) parece ditar o ritmo da estrofe. Aliás, em outros momentos o poeta constrói também versos com palavras que iniciam com a mesma sílaba. Por exemplo, em *Os doentes*, com a ênfase na letra *d*: “Diabólica dinâmica daninha”, ou no soneto *O caixão fantástico*, em que ganha destaque a vogal *a* no último verso do primeiro quarteto: “De aberratórias abstrações abstrusas!”. São todos versos inesquecíveis!

¹⁴⁹ De *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 20 e 28 jun. 1959.

¹⁵⁰ Wilson Castelo Branco, *A poesia de Augusto dos Anjos*, p. 164.

Entretanto, não seria este também um dos traços da modernidade do poeta? A resposta, para estas duas questões, parece-me ser sim.

Desse modo, ainda fazendo referência ao comentário de Wilson Castelo Branco, novamente mostra-se explorada a musicalidade da poesia augustiana, que se caracteriza, contudo, por ser dissonante. Fazendo novamente um paralelo com um compositor como Mahler, pode-se dizer que tanto ele, como o poeta do *Eu*, preservam certos padrões, certas técnicas de sua época, entretanto, fogem por exemplo d' "os efeitos fáceis da melodia", apresentando uma forma de expressão que já apontam, como o disse anteriormente, respectivamente, para a música moderna e para a poesia brasileira moderna. Assim, enquanto o compositor austríaco opera uma perfeita simbiose entre romantismo e modernidade, o poeta paraibano não imune à certas influências de correntes literárias de sua época, constrói uma dicção poética própria, que mostra-se, em muitos momentos, como precursora do Modernismo no Brasil, como aqui se buscou mostrar.

Para finalizar, penso ser relevante dizer que a poesia da decomposição de Augusto dos Anjos, tanto pelos seus temas agudamente dramáticos e existenciais, bem como pela rica e, em muitos pontos, inovadora estruturação formal, é das obras mais coerentes e importantes de toda a história da língua portuguesa. O seu poder ímpar de criar atmosferas, quer seja de horror, quer de angústia, quer de tensão, jamais será enfatizado devidamente. Esse poder de evocar atmosferas é também, sem dúvida, um dos aspectos fundamentais de sua poética. Encerro este

capítulo citando esse excerto do maravilhoso portal do *Eu, Monólogo de uma sombra*, em que o poeta constrói, apresentando a visão alucinada do ébrio sátiro, uma vez mais uma atmosfera carregada de tensões indescritíveis:

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.
Negra paixão congênita, bastarda,
Do seu zooplasma ofídico resulta...
E explode, igual à luz que o ar acomete,
Com a veemência mavórtica do ariete
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,
Hirto, observa através a tênue trança
Dos filamentos fluídicos de um halo
A destra descarnada de um duende,
Que, tateando nas tenebras, se estende
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,
E de su'alma na caverna escura,
Fazendo ultra-epilépticos esforços,
Acorda, com os candieiros apagados,
Numa coreografia de danados,
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!
É a fauna cavernícola do crânio
– Macbeths da patológica vigília,
Mostrando, em rembrandtescas telas várias,
As incestuosidades sangüinárias
Que ele tem praticado na família.

As alucinações táteis pululam.
Sente que megatérios o estrangulam...
A asa negra das moscas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um cancro assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!

Mingua-se o combustível da lanterna

E a consciência do sátiro se inferna,
Reconhecendo, bêbedo de sono,
Na própria ânsia dionísica do gozo,
Essa necessidade de *horroroso*,
Que é talvez propriedade do carbono!¹⁵¹

¹⁵¹ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, pp. 198-199.

CAPÍTULO III (CONCLUSÃO):

AS COSMOVISÕES PESSIMISTAS DE SCHOPENHAUER E AUGUSTO DOS ANJOS

Como ponto de partida para este último capítulo, que serve como conclusão deste trabalho, penso ser interessante fazer algumas colocações iniciais acerca do discurso filosófico e do discurso poético e do papel do filósofo e do poeta. Um comentário de Ferreira Gullar mostra-se oportuno, pois aborda diretamente esse tema:

Ao contrário do filósofo, que busca uma coerência conceitual, o poeta alimenta a pretensão de atingir uma coerência mais complexa. Não é correto colocá-lo como antípoda do indagador sistemático, já que o poeta não abdica de construir um discurso “sábio”, e quando abre mão disso a poesia se torna mero jogo de palavras. Testemunha da complexidade do mundo, compelido como o filósofo a ordená-lo, nega-se a fazê-lo se o preço a pagar for dissolver a experiência concreta na generalidade dos conceitos.¹⁵²

Penso que, pelo menos em parte, estou seguindo o interessante caminho a ser trilhado, aberto por esse comentário de Ferreira Gullar. O crítico defende que tanto o filósofo como o poeta são ordenadores do mundo (em várias passagens da dissertação também estou defendendo isto), coisa que, contudo, fazem de maneiras diferentes. O filósofo estando

¹⁵² Ferreira Gullar, *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, p. 51.

mais preso aos conceitos; já o poeta, à própria realidade, que procura expressar em seu texto. Entretanto, é bom lembrar as palavras de Schopenhauer, já citadas neste trabalho, de que uma filosofia puramente conceitual, sem suporte na realidade, é uma filosofia destituída de valor, é um “mero jogo de palavras”, como nos fala Ferreira Gullar em relação à poesia.

Evocando e reconhecendo o valor também da visão de um crítico como Pierre Macherey (que, falando da relação entre o discurso filosófico e o literário afirma que eles estão misturados, mas, contudo, são distintos¹⁵³), estou pautando este trabalho principalmente na procura de pontos de contato entre o discurso filosófico de Arthur Schopenhauer e o poético de Augusto dos Anjos.

A separação oficial entre a filosofia e a literatura, para Pierre Macherey, é um fenômeno recente, pois se deu com Kant, no final do século XVIII. Este teria caracterizado a literatura como o que está dentro do domínio do belo e do julgamento de gosto, enquanto que para a filosofia estaria reservado o domínio da especulação racional: “... *récusant l'antique confusion du vrai et du beau, Kant a installé entre eux une limite infranchissable, et posé que soumettre le discours spéculatif à un jugement*

¹⁵³ “Alors, ‘démêler’ ce qui, dans des textes, revient au philosophique et au littéraire, cela consiste à desserrer, pour en révéler la facture, la trame complexe à travers laquelle leurs fils se croisent, passent l’un par-dessus l’autre, se nouent et se dénouent, s’emmêlent et se tissent, de manière à former un réseau différencié à l’intérieur duquel ils se réunissent sans se confondre, en dessinant des configurations de sens singulières, énigmatiques, hybrides.” (A quoi pense la littérature?: exercices de philosophie littéraire, p. 10).

de goût ce serait en affaiblir la teneur rationnelle."¹⁵⁴ Como já mencionei anteriormente, o crítico francês apresenta os discursos filosóficos e literários como distintos, guardando para si suas devidas especificidades, sem deixarem, contudo, de estar também misturados. Eles possuem pontos em que convergem e se complementam. Essa mistura ou intersecção entre os dois discursos é, dessa forma, além de enriquecedora, também, bem-vinda.

Faz-se mister, apesar do reconhecimento das inúmeras convergências entre a filosofia e a literatura, mostrar, todavia, o que propriamente as distingue e singulariza. Novamente mostra-se oportuno recorrer à opinião de Pierre Macherey, que distingue dessa forma o fazer literário do filosófico:

*Philosophie et littérature seraient comme l'envers et l'endroit d'un même discours, dont l'une et l'autre présentent les accidents et les dénivellations sous des aspects alternés: ce qui, chez l'une apparaît dans la forme du plein et du continu se présente chez l'autre comme manque et comme élosion. Ainsi l'effort de rationalisation qui caractérise la spéculation philosophique, et lui confère homogénéité et esprit de suite, se traduit, en passant par les modes de narrativité propres à la littérature, en une exposition lacunaire, hachée, irrégulière d'où les effets de vérité provoqués par le mouvement des idées ressortent comme inversés: ils se présentent sous la forme d'allusions inachevées incomplètes, fragmentées, que la logique d'une argumentation cohérente semble avoir définitivement désertées.*¹⁵⁵

¹⁵⁴ Ibid., p. 9.

¹⁵⁵ Ibid., p. 200.

O crítico francês, dessa forma, apresenta algumas diferenças entre literatura e filosofia, classificando-as como “o avesso e o direito de um mesmo discurso”, ou seja, possuidoras de “fins” ou objetivos que muitas vezes são semelhantes, mas que, contudo, são expressos de maneira distinta. Assim, para ele, a filosofia é caracterizada pela especulação plena de racionalização, produtora ou fomentadora da homogeneidade e do espírito de seqüência, enquanto que a narrativa literária mostra-se caracterizada pelas lacunas, pelo aspecto fragmentário, enfim, por alusões incompletas.

Parece-me que, em sentido geral, é verdadeira a visão machereyana que diz que a homogeneidade e a coerência interna são características específicas do discurso filosófico, sendo a heterogeneidade e o aforisma mais próprios da literatura. Penso, contudo, que no caso da poesia de Augusto dos Anjos merecem ser feitas algumas ressalvas. Se, de fato, a obra de Schopenhauer caracteriza-se pela homogeneidade e a de Augusto dos Anjos pela heterogeneidade (como aponte na Introdução¹⁵⁶, na p. 2), contudo, ao explorar diferentes influências, diferentes materiais, o poeta do *Eu* cria uma obra que, se não pode ser vista de maneira unívoca, possui, por outro lado, muita coerência dentro dessa sua multiplicidade.

¹⁵⁶ Para não suscitar a idéia de que estou sendo contraditório, faz-se mister o seguinte esclarecimento: a obra do poeta do *Eu*, como expus na Introdução, pode ser vista por diversos prismas devido à diversidade de nuances que nela podemos encontrar (podem ser feitos variados paralelos entre a sua obra e as de inúmeros outros autores, como também com alguns movimentos literários e filosóficos); por outro lado, certas teses são defendidas de forma enfática e constante em sua obra, como tenho procurado mostrar neste trabalho. Em suma, ao mesmo tempo que sua obra está aberta para uma

Ou seja – usando uma linguagem hegeliana –, ele parte da heterogeneidade de várias fontes (filosofia, ciência, religião e da própria literatura), de elementos muitas vezes conflitantes, parte da tese e da antítese, para chegar até a construção da coerência textual de seu discurso, até chegar, portanto, à síntese¹⁵⁷.

Mostra-se relevante, a partir destas minhas últimas colocações, fazer referência ao artigo *A arca dos palimpsestos*, de Alckmar Luiz dos Santos, em que ele nos aponta como Augusto dos Anjos retira da filosofia (principalmente das de Schopenhauer e Nietzsche, mas também das de Platão e Kant), da ciência (de Comte, Spencer, Haeckel e Darwin) da religião (Budismo), bem como de outras fontes literárias (do Realismo, do Parnasianismo, do Romantismo Negro (...) e de autores como Olavo Bilac e Cesário Verde, entre outros) interessante material para construir a textualidade de sua obra. Porém, mostra-nos o crítico, o poeta paraibano não se restringe a uma mera justaposição de textos vários, mas, pelo contrário, opera em sua poesia uma re-significação dos textos científicos, filosóficos, religiosos e literários.

Com isso, apesar do vasto manancial em que está imersa, apesar da heterogeneidade de influências, Augusto dos Anjos apresentou-nos em sua obra uma coerência raramente vista no campo poético. O crítico Élbio Spencer chega até mesmo a falar em homogeneidade da temática

diversidade de análises e de enfoques, também possui certas características, certos traços que nos permitem ver nela a existência de uma profunda coerência interna.

¹⁵⁷ Portanto, até a construção de uma dicção ou discurso poético próprio.

augustiana: “A homogeneidade de sua obra é algo de raro em poesia, mormente se tratando de uma poesia não romanceada, que se caracteriza pela apresentação de idéias lúcidas e conexas porém não sistematizadas.”¹⁵⁸ O crítico defende aqui que, apesar de sua obra não ser sistemática, Augusto dos Anjos constrói um ideário marcado pela voz própria e pela conexão. Essas características são imprescindíveis num poeta que queira nos apresentar o mundo, que queira decifrá-lo para nós.

No que tange basicamente ao discurso poético, defendo a tese – amparado em Schopenhauer (ver a primeira página do segundo capítulo desta dissertação) e em Ferreira Gullar – de que o grande poeta é um leitor privilegiado do mundo, é um decodificador, um desvelador de sua essência. Nesse ponto, coloco-me em uma perspectiva oposta à da crítica Lucia Helena, que, em sua dissertação *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*, defende que a obra literária “instaura um mundo”, o que faz pensar, portanto, que ela é independente da realidade:

Quando propomos que o EU é o caso, queremos dizer que a obra de Augusto dos Anjos instaura um mundo. Que sua obra não equivale, essencialmente, a um objeto produzido, utilitário; e, sim, que se transforma no ‘lugar’ do acontecimento existencial.¹⁵⁹

A visão defendida neste trabalho é outra. Enquanto que, para Lucia Helena, a obra literária é algo transcendente, é a coisa em si, é um mundo

¹⁵⁸ Elbio Spencer, *Augusto dos Anjos num estudo incolor*, p. 183.

¹⁵⁹ Lucia Helena, *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*, p. 57.

à parte, a tese aqui defendida é a de que a obra literária, em especial a poesia de Augusto dos Anjos que se está aqui trabalhando, é um instrumento para a decifração e apresentação do mundo. Na verdade, a tese postulada por Lucia Helena surgiu em uma época em que a perspectiva estruturalista desfrutava de toda força dentro dos estudos literários. Embora a teoria estruturalista possua muitas teses interessantes e que merecem ser enaltecidas, penso, porém, que Lucia Helena utiliza o Estruturalismo de forma extremamente radical e exacerbada.

A perspectiva que estou defendendo, na verdade, segue uma espécie de mediania. Não estou, como fizeram a grande maioria dos críticos da primeira metade do século¹⁶⁰, querendo condicionar a obra à vida do poeta, o que seria um reducionismo absurdo. Contudo, também não defendo a perspectiva radicalmente oposta, assumida por Lucia Helena, que afasta a obra de Augusto dos Anjos de qualquer contato com a realidade. Dessa forma, coloco-me em desacordo com posições críticas como essa de João Ribeiro¹⁶¹ em relação ao poeta paraibano: “Parece-nos, pois, que a doença basta para explicar a excentricidade do poeta.”¹⁶² Ou a

¹⁶⁰ Novamente remeto o leitor ao meu artigo *A recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos* (Anuário de Literatura n° 5, UFSC, 1997), em que apresento duas espécies de crítica em relação à obra de Augusto dos Anjos: uma primeira (que vai da década de 10 até os anos 40) que chamo de *apologética-impressionista* ou *sub-crítica* e que condiciona a obra à vida do poeta e uma segunda (a partir dos anos 50) que chamo de *crítica estética* e que se prende mais a temática e ao estilo da obra do poeta do *Eu*.

¹⁶¹ De *Imparcial*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1920.

¹⁶² João Ribeiro, *O poeta do “Eu”*, p. 76.

essa de Medeiros e Albuquerque¹⁶³: “Ele foi um tuberculoso. Essa moléstia o minou durante muitos anos e acabou por dar-lhe a sua obsessão.”¹⁶⁴ Essas críticas infelizmente percebem na obra apenas um pretexto, dando-lhe assim um caráter apenas secundário. Mas, por outro lado, a postura crítica que vê a obra de Augusto dos Anjos como um fenômeno totalmente desvinculado do nosso mundo também não é defendida aqui. A obra do poeta paraibano, ao mesmo tempo em que não é fruto de sua “tuberculose”¹⁶⁵ ou de qualquer outro dado biográfico, não é algo fora do mundo, mas um instrumento de expressão da realidade, é um grande painel em que se pinta o nosso mundo e, com ele, todo o destino dos seres condenados ao sofrimento, à derrocada material, ao processo de geração e de corrupção, enfim, à efemeridade, como em todo o trabalho estou procurando mostrar.

Como busquei defender anteriormente, Augusto dos Anjos dá coerência textual à sua obra, apesar das diversas influências nela contida. Assim, ao mesmo tempo em que há, em sua poesia, o gosto pela descrição ao modo do Realismo e do Naturalismo ou, mesmo, da “Poesia do Cotidiano”¹⁶⁶, também existe nela a presença da metáfora grotesca e da deformação expressionista. O poeta paraibano possui, como procurei

¹⁶³ De *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30 set. 1928.

¹⁶⁴ Medeiros e Albuquerque, *O livro mais estupendo: o Eu*, p. 91.

¹⁶⁵ A afirmação de que o poeta era tuberculoso não é verdadeira. A *causa mortis* na sua declaração de óbito é relacionada a uma pneumonia. Além disso, uma carta da esposa à mãe do poeta, confirma que ele morreu vitimado pela pneumonia. Para maiores esclarecimentos ver “Documentos Biográficos”, pp. 802-805. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*, (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

mostrar ao longo de todo o capítulo segundo, inúmeros pontos de contato com a estética expressionista, que, aliás, como já o disse, serve como uma ponte possível na relação entre a sua poesia e a filosofia de Schopenhauer¹⁶⁷. Por outro lado, ao postular a visão de que a poesia augustiana, é, em última instância e na sua essência, um retrato fiel e duro do nosso mundo, aproximo-a da perspectiva naturalista ou da realista. Neste ponto, estou, de certo modo, convergindo com Alceu Amoroso Lima, que defende a tese de que a poesia do autor do *Eu* caracteriza-se pelo “mimetismo”, que nos diz que a “obsessão da realidade é um dos caracteres essenciais de sua poesia.”¹⁶⁸

Penso que Augusto dos Anjos consegue, de forma estupenda, aliar em sua poética certos traços expressionistas¹⁶⁹ com outros naturalistas ou realistas. Assim, a deformação, a metáfora grotesca – características que, se não exclusivas do Expressionismo, são por demais exploradas pelos artistas deste movimento – aparecem em sua poesia para, além de evocar estados de tensão, auxiliar na expressão e construção da sua visão pessimista da realidade. O fim último de sua poesia é, como já diversas vezes defendi, o desvelar da realidade em seu sentido mais amplo.

¹⁶⁶ Da mesma forma como na poesia de Cesário Verde, na de Augusto dos Anjos há a constante referência a situações do cotidiano, onde o prosaico ganha valor literário.

¹⁶⁷ Adiante, trabalharei mais a questão da aproximação entre Augusto dos Anjos e Schopenhauer via Expressionismo.

¹⁶⁸ Alceu Amoroso Lima, *Augusto dos Anjos*, p. 176.

¹⁶⁹ É sempre bom lembrar que Augusto dos Anjos muito provavelmente não chegou a tomar conhecimento do movimento expressionista, pois o período em que produziu sua obra (que vai de cerca de 1900 até sua morte em 1914) foi o do surgimento deste movimento. A consolidação e a repercussão viriam mais tarde (a partir da segunda metade dos anos 10).

Realidade esta marcada pela dor, pela desintegração e deformação de toda a matéria.

Utilizo, para fechar a discussão acerca dessa questão introdutória do último capítulo, um comentário já citado (p. 48) de Ferreira Gullar: “Com Augusto dos Anjos penetramos aquele terreno em que a poesia é um compromisso total com a existência.”

Esse parece ser um bom momento para uma análise final dos temas que foram desenvolvidos ao longo da dissertação, na qual busquei estabelecer uma série de convergências temáticas entre as cosmovisões de Schopenhauer e Augusto dos Anjos. À guisa de roteiro, pode-se levantar a seguinte relação de tópicos principais em que, como procurei mostrar nos capítulos anteriores, ocorrem convergências temáticas entre os dois autores: a dor e o sofrimento como regras no mundo; a visão crítica e negativa em relação ao amor, ao sexo e à perpetuação da espécie; a visão negativa acerca da natureza humana; a visão monista de mundo; a salvação pelo nada. Depois de feitas essas aproximações temáticas entre o filósofo alemão e o poeta paraibano, como fecho da dissertação, irei trabalhar um pouco mais a aproximação entre estes autores através do paralelo com o Expressionismo.

Como defendi anteriormente, o mundo é, tanto na filosofia schopenhaueriana, como na poesia augustiana, um lugar onde predominam a dor e o sofrimento, em consequência disso, o mal constitui-se em regra. Eis a razão pela qual os dois autores são avessos às visões

otimistas, que apontam o mal no mundo como sendo uma exceção. Em Schopenhauer a dor e o sofrimento imperam no mundo porque derivam da vontade, que é, para ele, a essência do mundo, a verdadeira coisa em si. Só que essa vontade cega, irracional, insaciável, portanto, sem uma finalidade em si (daí o absurdo do mundo, que é, desse modo, destituído de finalidade), engendra todas as desgraças e infortúnios espalhados pelo mundo. Escravo de seu querer e, por isso mesmo, um ser que não é livre, o homem é a mais miserável de todas as criaturas. Esse querer produzido por uma vontade insaciável está, por conseguinte, muito mais fadado a não ser satisfeito do que satisfeito, daí resultando que o sofrimento nos acomete muito mais vezes do que o bem-estar. E quando satisfazemos um desejo, a “felicidade”, o bem-estar resultante é passageiro, pois, para o filósofo alemão, logo o contentamento cede lugar ao tédio e buscamos satisfazer novos desejos. E o mais terrificante é que a mesma vontade, diz-nos Schopenhauer, passa de pai para filho e disso decorre que o seu domínio no mundo é perpétuo. Já em Augusto dos Anjos, pode-se apontar a dor (ao lado da derrocada, da decomposição da matéria) como sendo a própria essência do mundo. Neste mundo em que os entes são efêmeros e fadados a inúmeros sofrimentos, a dor, por outro lado, é perene e passa de geração para geração, sempre renovando o seu poder eterno sobre os seres passageiros. Esse caráter perpétuo é mostrado de forma explícita no soneto *Eterna mágoa*:

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois nada há que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim, não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda!¹⁷⁰

Augusto dos Anjos, de maneira magnífica, diz-nos que o homem “sabe que sofre” mas que não tem consciência de que o seu sofrimento “Transpõe a vida do seu corpo inerme”, pois passa para os seus descendentes. A dor, a “eterna mágoa”, é, dessa forma, perene, porque passa de pai para filho e esse ciclo se prolonga desde o início da vida até outros tempos que ainda virão.

É por esse motivo que, tanto na obra de Schopenhauer, como na de Augusto dos Anjos, a procriação é ferozmente condenada, pois é por ela que o pai deixa para o filho uma herança de suplícios. E é por isso que, conseqüentemente, também o sexo e o amor são extremamente mal vistos por ambos. Pela vida – “... aquela grande aranha/ Que anda tecendo a

¹⁷⁰ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 290.

minha desventura!”¹⁷¹ – ser vista como um crime pelos dois, o ato de gerar um outro ser é encarado como o ato engendrador desse crime (que se concretiza pelo nascimento), crime que só pela morte encontra a expiação de sua culpa. Para os dois autores, seria infinitamente melhor a inexistência do mundo e por extensão de qualquer tipo de vida, em especial a humana. Schopenhauer diz-nos isso desse modo: “De fato, a convicção de que o mundo, e portanto também o homem, é algo que propriamente não deveria ser, é adequada a nos prover de tolerância uns em relação aos outros” sendo que cada homem deveria saudar o outro como “companheiro de infortúnio, *soci malorum*, *compagnon de misères*, *my fellow-suffer*.”¹⁷² Já Augusto dos Anjos, no já citado soneto *Homo infirmus* (pp. 27-28), diz-nos que o “Homem, carne sem luz, criatura cega/ Realidade geográfica infeliz” só possui um direito no mundo, que é “o de chorar”. À luz destas considerações, percebe-se, nos dois autores, o quão absurdo é o mundo e a proliferação da vida neste. A dor, para ambos, como já foi várias vezes enfatizado, está espalhada por todo o mundo e povoa a vida de todos os seres.

Em relação ao amor, os dois autores são, como procurei demonstrar, detentores de uma visão radicalmente pessimista, considerando tal sentimento como um verdadeiro engodo, como uma farsa. Para Schopenhauer, apesar de o homem achar que está satisfazendo a si próprio, que está construindo a sua felicidade pela realização amorosa, é

¹⁷¹ Ibid., p. 301 (poema *Tristezas de um quarto minguante*).

apenas à espécie que ele está servindo. E a razão é óbvia: pelo amor os casais reúnem-se e procriam e, assim, realizam a felicidade da espécie. Contudo, alerta-nos o filósofo, mais cedo ou mais tarde acabamos percebendo que fomos ludibriados e que, em vez de termos construído a nossa felicidade, construímos somente a da espécie. Augusto dos Anjos ressalta muito bem a natureza enganadora que o amor possui em *Versos de amor* (poema já citado de forma fragmentária na p. 25 da dissertação): ele parece ser algo muito doce num primeiro momento, mas, depois que o experimentamos, ele se mostra terrivelmente amargo, tal qual “a cana azeda”.

Acerca da visão negativa da natureza humana expressa na obra dos dois autores, muito foi falado e ainda se poderia falar. Se, na obra do poeta do *Eu*, encontramos, em um bom número de passagens, como aqui foi mostrado, o homem exercendo o seu egoísmo e a sua maldade sobre o seu semelhante (“O homem grande oprimindo o homem pequeno”), mostrando a sua falsidade e a sua hipocrisia (“A mão que afaga é a mesma que apedreja”), na obra do filósofo alemão a apresentação dessas características, para ele grandemente espalhadas entre a humanidade, é feita de forma ainda mais contundente e freqüente. Para Schopenhauer, estamos em um mundo que se assemelha muito ao “inferno”, sendo que os homens que o habitam comportam-se como verdadeiros “demônios”:

¹⁷² Arthur Schopenhauer, *Parerga e Paralipomena*, p. 225.

*La verdad es que debemos ser miserables y lo somos, y la fuente principal de los mayores males que afligen al hombre es el hombre mismo: homo homini lupus. Cuando nos damos exacta cuenta de esta verdad, el mundo nos parece un infierno superior al de Dante, en que cada hombre está condenado a ser el demonio de su prójimo; aunque es forzoso confesar que algunos tienen capacidades especiales para ello, de suerte que tal hombre será, ante todo, demonio o archidemonio, en figura de conquistador, que pone unos enfrente de otros a centenares de miles hombres, y les dice: 'Padecer y morir es vuestro destino: y ahora haced fuego con vuestros fusiles y vuestros cañones', mandato que tiene que obedecer la muchedumbre.*¹⁷³

Schopenhauer deixa explícito, nessa asserção, que a maldade e o egoísmo estão disseminados por toda a humanidade, sendo que só há uma diferença de graduação, ou seja, em alguns essa maldade e esse egoísmo estão presentes de forma mais intensa e, em outros, menos intensamente.

Outro aspecto fundamental dentro das cosmovisões de Schopenhauer e Augusto dos Anjos é, como vimos, a visão monista de mundo. Para os dois, todos os entes possuem uma essência, uma substância comum. Enquanto que, para o filósofo alemão, essa essência é reconhecida na vontade (com todas as implicações nefastas oriundas dessa essência), para o poeta paraibano é a dor e a derrocada de toda a matéria que formam a unidade de todos os seres, pois estendem seu poder continuamente sobre todo e qualquer tipo de vida. O mundo, para este último, é visto, assim, como a arena onde toda a matéria tem que pagar tributo à dor, que é eterna – “Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!” (já citado na Introdução desta dissertação, na p. 6) –, bem como o palco onde

¹⁷³ Arthur Schopenhauer, “Apéndice al libro cuarto” (*El mundo como voluntad y*

esta mesma totalidade da matéria está condenada continuamente a se decompor, a se extinguir (“... a Morte que não dorme/ É a absorção do movimento enorme/ Na dispersão dos átomos difusos.”¹⁷⁴). Por todo o lado, como nos mostra Augusto dos Anjos, a dor e a morte predominam perpetuamente.

Os dois autores convergem também na medida em que o monismo de ambos pode ser qualificado como uma metafísica imanente. Tanto a vontade no caso de Schopenhauer, como a dor e a morte em Augusto dos Anjos, estão para além do mundo fenomênico, pois são essência e, por isso, são indestrutíveis (como vimos anteriormente, no caso de Schopenhauer, pela ascese e pela busca do nada o homem pode anular sua essência e encontrar a única forma de ser verdadeiramente feliz). Mas, por outro lado, a essência do mundo na visão dos dois não é algo transcendental, pois está inserida em toda a matéria, é, portanto, imanente a todo ser.

Entro agora naquele que é o último dos tópicos principais em que estabeleço convergência temática entre Schopenhauer e Augusto dos Anjos, a saber, o da salvação pelo nada. Em toda a dissertação, o ponto fundamental, aquele que procurei tornar o mais explícito possível, é o de que, para os dois autores aqui estudados, o nosso mundo é o palco em que a dor e o sofrimento regem de forma soberana e submetem de forma implacável todos os entes. Da constatação desse fato, tanto o filósofo

representación), Vol. II de *Obras*, pp. 642-643.

alemão, como o poeta paraibano, postulam uma única salvação, uma única possibilidade do homem encontrar a paz e a felicidade verdadeiras: é só pelo encontro com o nada que se irá encontrar um verdadeiro porto seguro na visão de ambos. Para Augusto dos Anjos, feliz daquele que não vem ao nosso mundo (“Antes o Nada, oh! gérmen, que ainda haveres/ De atingir, como gérmen de outros seres/ Ao supremo infortúnio de ser alma”), pois este receberá como prêmio a “inexistência calma” (estes excertos fazem parte do soneto *A um gérmen*, citado integralmente no capítulo primeiro da dissertação, p. 18). Já Schopenhauer diz-nos que só a mortificação da vontade e o conseqüente encontro com o nada podem nos trazer a verdadeira e perpétua bem-aventurança, sendo que com esse processo ascético de negação do querer o homem alcança o pináculo da sabedoria:

Uma vez conduzidos, pelas nossas especulações, a ver a santidade perfeita na negação e no sacrifício de todo o querer, uma vez libertados, graças à convicção, de um mundo cuja essência total se reduz para nós à dor, a última palavra da sabedoria consiste, para nós, daqui em diante, apenas em nos afundarmos no nada.¹⁷⁵

Em suma, a vida é, para os dois autores, em sua essência, algo que de forma alguma vale a pena; pelo contrário, é um terrível castigo imposto a todos aqueles que vêm habitar este mundo. E é por isso que

¹⁷⁴ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 243 (*Os doentes*).

¹⁷⁵ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*, p. 542.

Schopenhauer faz suas essas palavras do Eclesiastes: “*El día de la muerte es mejor que el día del nacimiento.*”¹⁷⁶

Uma crítica que talvez possa ser colocada a este trabalho é o de se ver nele, em certos momentos, a poesia augustiana excessivamente pelo prisma filosófico. Entretanto, procurei aqui – embora, de forma breve – caracterizar os discursos filosóficos e literários como sendo distintos. Distintos, contudo, com inúmeros pontos de contato, de convergência e até de complementação.

A preocupação-mor foi, antes de tudo, estabelecer os pontos de contato entre o pensamento expresso nas obras de Schopenhauer e Augusto dos Anjos, considerando, assim, a poesia do paraibano como um rico manancial – embora, é óbvio, ela não se restrinja a esse aspecto somente – para a reflexão de temas dos mais caros e importantes acerca do mundo e, por extensão, da condição humana. Além disso, não há como negar um fundo filosófico na poesia de Augusto dos Anjos, o que não quer dizer que se queira enquadrá-lo simplesmente como filósofo. Augusto dos Anjos é um poeta possuidor de preocupações filosóficas e, neste ponto, estou convergindo com uma série de críticos de sua obra – ver, entre outros, os textos sobre o poeta paraibano de críticos como José Escobar Faria, Elbio Spencer, Anatol Rosenfeld, Alfredo Bosi, Luciana Stegagno Picchio e Ferreira Gullar.

¹⁷⁶ Citado por Arthur Schopenhauer, *Eudemonología*, Vol. II de *Obras*, p. 929.

A tese de que a poesia augustiana é possuidora de preocupações filosóficas é defendida, por exemplo, por Ferreira Gullar, que nos diz que: “Em poucos poetas brasileiros a indagação filosófica desempenha papel tão importante como em Augusto...”¹⁷⁷ Elbio Spencer também defende esta tese. Nesta asserção, o crítico defende que a filosofia e a ciência são aspectos constituintes da obra do poeta e, de quebra, caracteriza a dor¹⁷⁸ como sendo a essência do mundo dentro do ideário de sua poesia:

A poesia de Augusto dos Anjos participa, portanto, simultaneamente, de um caráter filosófico propriamente dito (enunciação de premissas e exposição de conceitos lógicos) e do científico (assim entendido como explanação disciplinada de teses biológicas). A temática do seu trabalho foi a dor. Não a dor como uma fraqueza humana, mas a dor como uma constante, como veículo de manifestação da matéria.¹⁷⁹

Dessa forma, o aspecto filosófico presente na poesia augustiana, por ser um traço fundamental dela, foi esmiuçado e sublinhado nesta dissertação. Novamente reafirmo que, obviamente, a poesia de Augusto dos Anjos não se resume a este aspecto, contudo, foi ele o mais explorado e com ele pude apresentar e demonstrar as diversas convergências e afinidades existentes entre o pensamento do poeta do *Eu* e o de Schopenhauer. Além disso, penso ser fundamental, como já o disse anteriormente, que o grande poeta expresse na sua obra um conjunto de

¹⁷⁷ Ferreira Gullar, *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, pp. 46-47.

¹⁷⁸ Ver a citação da p. 46 deste trabalho, em que apresento um comentário de Elbio Spencer no qual ele caracteriza, de forma mais explícita e detida, a dor como sendo a essência do mundo dentro do ideário da poesia de Augusto dos Anjos.

idéias que sirvam para apresentar e decifrar o nosso mundo¹⁸⁰. Augusto dos Anjos o faz de forma ímpar.

Considero relevante dizer, que a visão de poesia de Schopenhauer parece encontrar eco na de alguns críticos augustianos da segunda metade do século. Um deles é José Escobar Faria, que nos diz que “Augusto dos Anjos era, como todo o grande e autêntico poeta dos temas altos, um pesquisador das indagações finais.”¹⁸¹ Já Carlos Burlamaqui Kopke¹⁸² vê a poesia augustiana como desveladora do mundo, como decifradora do seu caráter eidético, sendo que o poeta, para ele, participa de um grupo de “artistas, verdadeiramente, que descem, como Igitur, à essência de todas as coisas, superam, pelo conhecimento pré-lógico, todas as máscaras e as metamorfoses da natureza humana, e, através da angústia, chegam às próprias raízes da vida.”¹⁸³ Para finalizar esta questão, faço minhas as palavras de Elbio Spencer:

O verdadeiro poeta, outra coisa não é que a universalidade das idéias vibrando num espírito lúcido, perfeitamente identificado com o mundo real, onde extrai o necessário à materialização das imagens do seu subconsciente.¹⁸⁴

¹⁷⁹ Elbio Spencer, *Augusto dos Anjos num estudo incolor*, p. 182.

¹⁸⁰ Esta é uma leitura do fazer poético, do papel do poeta. Existem, obviamente, outras muito mais atuais. Porém, como já o disse em outro momento (p. 39), a teoria schopenhaueriana é a que estou assumindo, por entender que é a que melhor se adapta ao caso da poesia augustiana. Aliás, cito na seqüência, os comentários de três críticos em que parece haver uma visão similar a do filósofo alemão acerca do papel do poeta, sem esquecer também dos já citados comentários de Ferreira Gullar (ver p. 48).

¹⁸¹ José Escobar Faria, *A poesia científica de Augusto dos Anjos*, p. 148.

¹⁸² *De Alguns Ensaios de Literatura*. São Paulo, Edições Pégaso, 1958.

¹⁸³ Carlos Burlamaqui Kopke, *Augusto dos Anjos um poeta e sua identidade*, p. 156.

¹⁸⁴ Elbio Spencer, *Augusto dos Anjos num estudo incolor*, p. 181.

Ponto que merece ser novamente destacado nesta conclusão é o de que a aproximação entre Schopenhauer e Augusto dos Anjos pode ser feita, como foi ao longo do segundo capítulo da dissertação, pela relação com certas características do movimento expressionista. Schopenhauer, com sua filosofia pessimista, é considerado um precursor desse movimento que possui, como traço fundamental, a visão do mundo como sendo caótico e estando constantemente em crise. Já Augusto dos Anjos, contemporâneo dos expressionistas¹⁸⁵, possui na sua obra, como procurei mostrar anteriormente, muitos pontos de convergência com a obra de alguns artistas deste movimento – Gottfried Benn, Jakob von Hoddis, Arnold Schoenberg, para ficar só nos citados no segundo capítulo –, quer seja no campo das idéias, quer seja no campo formal.

É, sem dúvida, inegável a influência de filósofos como Schopenhauer e Nietzsche, com suas filosofias “irracionalistas”, sobre certos movimentos artísticos e literários¹⁸⁶, sendo o Expressionismo um deles. E Augusto dos Anjos, como procurei mostrar ao longo da dissertação, apesar de não ter sido filiado a nenhuma escola ou movimento, possui inegáveis traços expressionistas. Embora seja até tradicional em alguns pontos, sua poesia apresenta um talento ímpar de criar metáforas, imagens e atmosferas de

¹⁸⁵ Do ponto de vista histórico, o começo do movimento expressionista ocorreu com a fundação, por parte de alguns pintores alemães, do grupo *Die Brücke* (“A Ponte”), em 1905.

¹⁸⁶ Na Introdução da dissertação, na p. 3, eu apresento a importância que José Paulo Paes (em *Uma microscopia do monstruoso*) confere às filosofias de Schopenhauer e Nietzsche no que tange à formação do Decadentismo e do Simbolismo da virada de século.

grande expressividade. Serve para o poeta do *Eu*, neste ponto, as palavras de R. S. Furness sobre Trakl (em que compara sua poesia com a de dois outros expoentes do Expressionismo):

Tanto Stadler como Stramm são inovadores, sendo o último particularmente extremo na rejeição de formas poéticas convencionais; comparada com a deles, a poesia do austríaco Georg Trakl, que cometeu suicídio em 1914, parece tradicional, com seu freqüente uso do soneto. Mas as paisagens outonais, enluaradas, da alma, descritas por Trakl, revelam um emprego mais original da metáfora e da imagem, cujos poderes expressivos são notáveis.¹⁸⁷

Se o desapego de Augusto dos Anjos, tal como Trakl, não é total às formas poéticas convencionais ou tradicionais, por outro lado, em inúmeros momentos ele mostra-se inovador, mostra-se um precursor do Modernismo na poesia brasileira. Entre as muitas inovações de sua poesia no campo formal, podem ser citadas: a estruturação ímpar que faz dos decassílabos; a produção de rimas “imperfeitas”; como também a criação de um magnífico e incomum léxico, que combina palavras científicas e prosaicas. Todas estas características (e outras mais) combinadas, conferem à sua poesia o que chamo de aspecto dissonante.

Sobre o léxico da poesia augustiana, ocorre nela a presença de uma infinidade de termos científicos, tais como: “quimiotaxia”, “zooplasma”, “cinocéfalos”, “centrossomas”, “ontogênicos”, “dicotiledôneas”, “filóstomo”, “zoófito”, “padrômicos”, “morfogênese”, “ptialina”, “quimiotropismo”,

¹⁸⁷ R. S. Furness, *Expressionismo*, p. 62.

“anfiôxus”, “tênia”, “neuroplastas”, “eximenina”, “endinomenina”, “úsnea”, “hematose”, etc. Por outro lado, aparecem diversas palavras prosaicas (“charqueada”, “peçonha”, “medonha”, “feder”, “escangalhada”, “carçaça”, “bexigosos”, “escarro”, “nojenta”, “coalhada”, “bicharia”, “carniçaria”, “defuntos”, “mandalopão”, “ralhava”, “assanhada”, “besta”, “babando”, “mulambo”, “queixada”...). Desse modo, o poeta conjuga em muitos poemas o erudito e o coloquial, produzindo, além de dissonâncias, também atmosferas de tensão, que tendem a chocar, a deixar forte impressão no leitor. Nestas cinco estrofes, de *As cismas do destino*, em que o poeta condena os ébrios que se entregam ao prazer carnal nos prostíbulos, a conjugação entre estas duas espécies de linguagem, além de produzir dissonâncias no campo formal, evoca um clima de tensão, alucinação, pesadelo e angústia:

A hipótese genial do *microzima*
Me estrangulava o pensamento guapo,
E eu me encolhia todo como um sapo
Que tem um peso incômodo por cima!

Nas agonias do *delirium-tremens*,
Os bêbedos alvares que me olhavam,
Com os copos cheios esterilizavam
A substância prolífica dos semens!

Enterravam as mão dentro das goelas,
E sacudidos de um tremor indômito
Expeliam, na dor forte do vômito,
Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares
Onde, na glória da concupiscência,
Depositavam quase sem consciência

As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os blastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo
Minha perscrutação via o espetáculo
De uma progênie idiota de palermas.¹⁸⁸

Assim, já na primeira das estrofes citadas, encontramos o termo científico “microzima” antecedendo a palavra vulgar “guapo”, bem como a expressão prosaica: “E eu me encolhia todo como um sapo...” Já na terceira das estrofes, uma das mais grotescas e nauseantes produzidas pelo poeta, predomina o coloquial, quer seja com a palavra “goelas”, quer seja com a oração formada pelos terceiro e quarto versos: “Expeliam, na dor forte do vômito,/ Um conjunto de gosmas amarelas”. Por fim, na quinta estrofe, o poeta rima uma palavra científica com uma prosaica, rima “blastodermas” com “palermas”.

No que concerne as chamadas rimas “imperfeitas” existentes dentro da poesia augustiana, já abordadas algumas vezes nesta dissertação, pode-se dizer que elas são um traço característico da modernidade do poeta. Além disso, elas são um dos fatores de produção do que eu chamo de dissonâncias dentro de sua obra. No segundo capítulo (pp. 75-76), procurei mostrar, por exemplo, como o poeta do *Eu* rima de forma original “apodrece” com a consoante s. Mas, além disso, podem ser citados muitos outros exemplos de rimas “imperfeitas” dentro de sua poética: “duradouro” rimando com “choro”, “acode-a” com “prosódia”, “tetos” com “*Senectus*”,

“escalpelos” com “*vitellus*”, “Vinci” com “lince”, “cinge-as” com “carolíneas”, “insônias” com “dicotiledôneas”, “sumos” com “húmus”, “Aquiles” com “bílis”, “tênia” com “homogênea”, “nívea” com “lascívia”, “bemóis” com “voz”, “falaz” com “mais”, “gênios” com “*perennius*”, “cave” com “*Davy*”, “*iceberg*” com “ergue”, etc.

Também no ritmo e na estruturação das estrofes de sua poesia podemos encontrar a presença da dissonância. É pelo menos o que defende Fausto Cunha quando fala de “Suas estrofes desconexas, sua enumeração caótica, sua imagística alucinada e familiar...”¹⁸⁹ Ao lermos um poema como *Tristezas de um quarto minguante* (citado por Fausto Cunha), por exemplo, podemos ver como ele é desenvolvido de forma alucinante, em que tanto o ritmo vertiginoso como as estrofes desconexas fomentam o aparecimento de uma atmosfera de pesadelo, bem como, de dissonâncias no campo formal. Vejamos estes dois quartetos do poema:

Do observatório em que eu estou situado
A lua magra, quando a noite cresce,
Vista, através do vidro azul, parece
Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.
Tenho 300 quilos no epigastro...
Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro
Lembra a metade de uma casca de ovo.¹⁹⁰

¹⁸⁸ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 217.

¹⁸⁹ Fausto Cunha, *Augusto dos Anjos salvo pelo povo*, p. 169.

¹⁹⁰ Augusto dos Anjos, *Obra completa*, p. 300.

Nestes oito versos podemos encontrar algumas das características que há pouco enumerei como sendo responsáveis pelo aspecto dissonante de sua poesia. Só um poeta inovador como Augusto dos Anjos poderia, por exemplo, ter construído um decassílabo com estas duas palavras: “paralelepípedo quebrado”. Também o prosaico se faz presente intensamente com as duas imagens que o poeta constrói da lua: o já referido decassílabo “paralelepípedo quebrado”, como também “a metade de uma casca de ovo”. A lua, fonte de belas imagens para os poetas românticos, é apresentada pelo poeta paraibano de forma deformada e chula.

Na verdade, ocorre no seu caso, assim como no de muitos dos artistas de vanguarda do começo do século, uma espécie de transvaloração estética, onde o horrendo, o grotesco e o dissonante assumem sua condição de belo. Embora, como apontei no segundo capítulo, o feio se mostre já presente, por exemplo, na obra de um Goya, ou de um Baudelaire, foi somente no século XX que ele foi exposto de maneira radical e contínua por um grande contingente de artistas. Para aquele que consegue transpor a esfera do prazer artístico fácil, “acadêmico”, um mundo de belezas indiscreíveis está à espera de nossa fruição na obra de Augusto dos Anjos e de artistas expressionistas como Gottfried Benn, Georg Trakl, Georg Heym, Franz Kafka, Georg Kaiser, Arnold Schoenberg, Alban Berg, Anton von Webern, Emil Nolde, Oskar Kokoschka, Egon Schiele, Robert Wiene, Fritz Lang...

A partir desta série de colocações e argumentos, espero ter conseguido atingir o objetivo central desta dissertação, a saber, apresentar as cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos e, principalmente, encontrar nelas um significativo conjunto de afinidades e de convergências temáticas. Além do viés temático, procurei também, em muitos momentos, fazer a aproximação entre os dois autores com o auxílio do Expressionismo, que me pareceu ser um caminho interessante a ser explorado, pois pude, dessa forma, abordar aspectos da poesia augustiana que me escapariam se tivesse ficado restrito à pura relação conteudista entre ele e o filósofo alemão.

Após todo o esforço empreendido nesta dissertação, penso que tanto a filosofia schopenhaueriana como a poesia augustiana possuem o inegável mérito de concentrarem todas as suas forças e atenção na procura pelo desvelamento, decifração e apresentação do mundo. Em poucas obras, sem dúvida, o problema da condição humana é tão enfatizado como nas dos dois autores. Encerro este trabalho citando novamente (ver p. 59) esse quarteto de *Mistérios de um fósforo*, já que nele se encontra sintetizado maravilhosamente o destino final de todos os entes na visão de Augusto dos Anjos:

Depois, é o céu abscondito do Nada,
É este ato extraordinário de morrer
Que há de, na última hebdômada, atender
Ao pedido da célula cansada!

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Medeiros e. *O livro mais estupendo: o Eu*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- ASCHER, Nelson. *Poesia alheia: 124 poemas traduzidos* (edição bilíngüe). Rio de Janeiro, Imago, 1998.
- BANDEIRA, Manuel. *Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- BANNOUR, Wanda. *Schopenhauer*. In: *História da filosofia*, sob a direção de François Châtelet (Tradução de Guido de Almeida). Vol. 5. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *Notas biográficas*. In: Augusto dos Anjos. *Eu e outras poesias*. 39ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.
- BARROS, Eudes. *Aproximações e antinomias entre Baudelaire e Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris, La Belle Edition, s/d.
- BOSI, Alfredo. *Augusto dos Anjos*. In: *O pré-modernismo*. Vol. 5 de *A literatura brasileira*. 5ª edição. São Paulo, Cultrix, s/d.
- BRANCO, Wilson Castelo. *A poesia de Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- BRÉHIER, Emile. *Schopenhauer*. In: *Histoire de la philosophie*. Tome II: *La philosophie moderne*. 5. édition (revue). Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

- CACCIOLA, Maria Lúcia M. O. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo, Edusp, 1994.
- CAMPOS, Augusto de. *Música de invenção*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1998.
- CARDINAL, Roger. *O expressionismo* (Tradução de Cristina Barczinski). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. 2ª edição. São Paulo, Nova Alexandria, 1994.
- _____. *Apresentação*. In: Augusto dos Anjos. *Toda a poesia*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- _____. *Uma nova história da música*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.
- CRUZ E SOUSA, João da. *Obra completa* (org.) Andrade Murici/ (atualiz.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.
- CUNHA, Fausto. *Augusto dos Anjos salvo pelo povo*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- DUARTE NETO, Henrique. *A recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos*. In: Anuário de Literatura nº 5. Florianópolis, Editora da UFSC, 1997.
- _____. *O expressionismo na poesia de Augusto dos Anjos*. In: Anuário de Literatura nº 6. Florianópolis, Editora da UFSC, 1998.
- ESPINOSA, Baruch de. *Pensamentos metafísicos e Ética*. In: Os Pensadores (Traduções de Marilena de Souza Chauí, Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões). 3ª edição. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- FARIA, José Escobar. *A poesia científica de Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- FARIA, Gentil de. *A presença de Oscar Wilde na belle époque literária brasileira*. São Paulo, Pamartz, 1988.
- FONTES, Hermes. *Crônica literária*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

- FREYRE, Gilberto. *Nota sobre Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- FURNESS, R. S. *Expressionismo* (Tradução de Geraldo Gerson de Souza). São Paulo, Editora Perspectiva, 1990.
- GRIECO, Agripino. *Um livro imortal*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa* (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- GULLAR, Ferreira. *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*. In: Augusto dos Anjos. *Toda a poesia*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- HAMLIN, D. W. *Schopenhauer*. In: *Uma história da filosofia ocidental* (Tradução de Ruy Jungmann). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- HELENA, Lucia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.
- HOBBS, Thomas. *Do cidadão* (Tradução de Renato Janine Ribeiro). São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- HOUAISS, Antônio. *Reportagem cinquentenário da morte de Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- JODL, Friedrich. *Schopenhauer*. In: *História de la filosofia moderna: desde el renacimiento hasta Schopenhauer* (Tradução de J. Rovira Armengol). Buenos Aires, Editorial Losada, 1951.
- KOPKE, Carlos Burlamaqui. *Augusto dos Anjos um poeta e sua identidade*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- LEIBNIZ, Gottfried. *A monadologia*. In: Os Pensadores (Tradução de Marilena de Souza Chauí). 2ª edição. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- _____. *Discurso de metafísica* (Tradução de João Amado). Lisboa, edições 70, 1985.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Augusto dos Anjos*. In: *Estudos literários*. Vol. I. Rio de Janeiro, Companhia Aguilar Editora, 1966.

- LINS, Álvaro. *Augusto dos Anjos: poeta moderno*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- LYNTON, Norbert. *Expressionismo*. In: Nikos Stangos (org.). *Conceitos da arte moderna* (Tradução de Álvaro Cabral). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- MACHADO, Raul. *Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- MAIA, Muriel. *A outra face do nada*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- MANN, Thomas. *Schopenhauer*. In: Os Imortais do Pensamento Universal – Schopenhauer (Tradução de Pedro Ferraz do Amaral). Goiânia, Livraria e Editora Waldré, 1981.
- MACHEREY, Pierre. *A quoi pense la littérature?: exercices de philosophie littéraire*. Paris, Presses Universitaires de France, 1990.
- MOISÉS, Massaud. *Augusto dos Anjos*. In: *Simbolismo*. Vol. 3 de *História da literatura brasileira*. São Paulo, Cultix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- MORAES, J. Jota de. *Música da modernidade: origens da música do nosso tempo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- MURICI, Andrade. *Augusto dos Anjos e o simbolismo*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A relação da filosofia de Schopenhauer com uma cultura alemã*. In: *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* (Tradução de Pedro Süssekind). Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996.
- _____. *Genealogia da moral* (Tradução de Paulo Cesar Souza). 2ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- _____. *O anticristo* (Tradução de Artur Morão). Lisboa, edições 70, 1989.

- OITICICA, José. *Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luís. *O pessimismo de Schopenhauer*. In: *História da filosofia*. 10ª edição. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1974.
- PAES, José Paulo. *Gaveta de tradutor: versões de poesia* (edição bilíngüe). Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1996.
- _____. *Uma microscopia do monstruoso*. In: *Transleituras*. São Paulo, Editora Ática, 1995.
- PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo* (Tradução de Lucy Magalhães). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *O antídoto: a poesia científica e a poesia do "sertão"*. In: *História da literatura brasileira* (tradução de Pérola de Carvalho e de Alice Kyoko). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Um fantasma na noite dos vencidos*. In: Augusto dos Anjos. *Eu e outras poesias*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *O artesanato em Augusto dos Anjos*. In: *Estudos literários*. 3ª edição. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1982.
- REGO, José Lins do. *Augusto dos Anjos e o Engenho Pau d'Arco*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1996.
- RIBEIRO, João. *O poeta do "Eu"*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- ROSENFELD, Anatol. *A costela de prata de A. dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- ROSSET, Clément. *Schopenhauer philosophe de l'absurde*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- RUSSELL, Bertrand. *Schopenhauer*. In: *História da filosofia ocidental* (Tradução de Brenno Silveira). Tomo III. 4ª edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *A arca dos palimpsestos*. Porto, Revista Nova Renascença, 1994.

_____. *Poesia e matemática em Augusto dos Anjos*. In: Anuário de Literatura n° 2. Florianópolis, Editora da UFSC, 1994.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Dores do mundo* (Tradução de Albino Forjaz de Sampaio). Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

_____. *Obras: La cuádruple raíz del principio de razón suficiente/ El mundo como voluntad y representación/ Eudemonología* (Traduções de Eduardo Overejo y Maury e Eduardo Gonzáles Blanco). 2 vol. Buenos Aires, Librería "El Ateneo" Editorial, 1950.

_____. *O livre arbítrio* (Tradução de Lohengrin de Oliveira). Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

_____. *O mundo como vontade e representação* (Tradução de M. F. Sá Correia). Porto, Rés-Editora, s/d.

_____. *Parerga e paralipomena* (excertos). In: Os Pensadores (Tradução de Wolfgang Leo Maar). 2ª edição. São Paulo, Abril Cultural, 1985.

_____. *Sobre a filosofia universitária* (Tradução de Maria Lúcia Cacciola e Márcio Suzuki). São Paulo, Editora Polis, 1991.

_____. *Sobre o fundamento da moral* (Tradução de Maria Lúcia Cacciola). São Paulo, Martins Fontes, 1995.

SOARES, Luiz Felipe G. *O anjo doente no inferno de Bosch*. In: Anuário de Literatura n° 2. Florianópolis, Editora da UFSC, 1994.

SOARES, Órris. *Elogio de Augusto dos Anjos*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

SPENCER, Elbio. *Augusto dos Anjos num estudo incolor*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

TORRES, Antônio. *O poeta da morte*. In: Augusto dos Anjos. *Obra completa*. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

VECCHIOTTI, Icilio. *Schopenhauer* (Tradução de João Gama). Lisboa, edições 70, 1990.

VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1994.